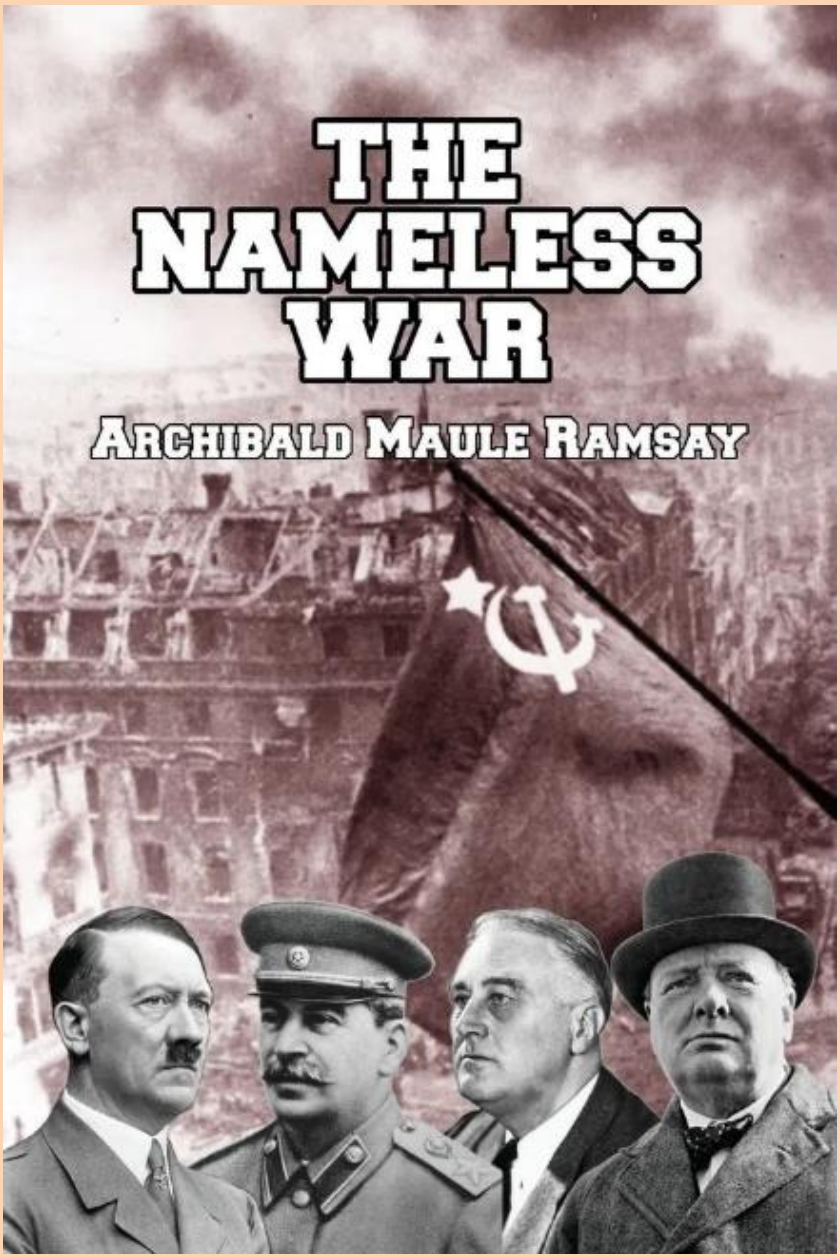


A GUERRA SEM NOME



Sobre o Autor:

O Capitão Archibald Maule Ramsay foi educado em Eton e na Real Academia Militar de Sandhurst. Ele serviu no 2º Batalhão de Guardas Coldstream na Primeira Guerra Mundial até ser gravemente ferido em 1916, permanecendo no Quartel-General do Regimento, Gabinete de Guerra e na Missão de Guerra Britânica em Paris até o final da guerra.

A partir de 1920 se tornou membro da Guarda Escocesa de Sua Majestade.

Em 1931 foi eleito Membro do Parlamento por Midlothian e Peeblesshire.

Foi preso sob o Regulamento 18B em 23 de maio de 1940, sem direito a julgamento, em uma cela na Prisão de Brixton até 26 de setembro de 1944. Na manhã após sua libertação, voltou a ocupar seu lugar na Câmara dos Comuns. E lá permaneceu até o final dessa legislatura em 1945.

A GUERRA SEM NOME

Esta é a história que as pessoas disseram que nunca seria escrita em nosso tempo - a verdadeira história dos acontecimentos que desencadearam a Segunda Guerra Mundial, contada por alguém que que desfrutou da amizade e da confiança de Neville Chamberlain durante os meses cruciais que se passaram. Acordo de Munique e setembro de 1939.

Há muito tempo existe uma proibição não oficial de livros que tratam do que o Capitão Ramsay chama de A Guerra Sem Nome, o conflito que se alastrou nos bastidores ao longo dos séculos e do qual poucos estão cientes. Os editores de A Guerra Sem Nome acreditam que esta publicação, mais do que qualquer tentativa anterior, pode ajudar a quebrar essa conspiração de silêncio. Esta obra é o resultado da experiência pessoal de uma figura pública que, no cumprimento do seu dever, descobriu a existência de uma conspiração que perdura há vários séculos contra a Inglaterra, Europa e toda a cristandade.

A Guerra Sem Nome revela o vínculo insuspeito que une todas as principais revoluções da Europa, desde a época de Carlos I [da Inglaterra] até a tentativa malsucedida contra a Espanha em 1936. Mostra como todas elas tinham uma raiz comum em sua inspiração, planejamento e caráter. Essas revoluções e a Guerra Mundial de 1939 são vistas como partes integrantes de um mesmo plano supremo.

Após uma breve análise das forças por trás da declaração de guerra e das prisões mundiais de muitos que se opuseram a elas, o autor descreve a anatomia da máquina internacional revolucionária - a máquina que ainda hoje continua com o seu plano de obter o poder mundial supranacional, o antigo sonho messiânico do judaísmo internacional.

O autor acredita que a máquina quebraria sem o apoio de seus relutantes judeus e gentios desavisados, o mesmo oferece sugestões sobre como fazer com que isso aconteça.

Este livro é dedicado a memória daqueles patriotas que em 1215 em Runnymede assinaram a Carta Magna e daqueles que em 1320 em Arbroath assinaram a Declaração de Independência, 27 de julho de 1952.



BUY BRITISH ballito STOCKINGS

Daily Express

TO-DAY'S WEATHER: FINE; COOLER.

NO. 10,258. FRIDAY, MARCH 24, 1933. ONE PENNY.

St. Ivel CHEESE Aids digestion 2d., 6d. & 8½d. each.

JUDEA DECLARES WAR ON GERMANY

JEWS OF ALL THE WORLD UNITE

BOYCOTT OF GERMAN GOODS

MASS DEMONSTRATIONS

"Daily Express" Special Political Correspondent.

Mr. Churchill's Withering Attack On Premier

Officer Describes The Girl

DAYS OF LOVE IN BERLIN

"Daily Express" Special Representative.

SUMMER days and nights of love in Berlin through a fortnight of hectic pleasure; and then, when the holiday was over, stolen, hurried meetings in Holland.

One party to this romance, a pretty German girl of wealth, to whom money apparently meant nothing—the other, an officer of the British Army, who was content

'BROUGHT US NEARER TO WAR'

FOUR YEARS' WORK WITHOUT ANY SUCCESS

OUR DON QUIXOTE

By Our Parliamentary Representative

THE House of Commons, which has grown mealy-mouthed since the crisis of eighteen months ago, was shocked into reality last night by one of the most withering personal attacks of recent years.

The attack came from Churchill. It fell like a thunderbolt on Ram-

Mrs. George Lansbury Dead

A boy-and-girl romance which began at fifteen, ended last night with the death of Mrs. George Lansbury, wife of the Parliamentary Leader of

SUTCLIFFE AND PAYNTER OUT FOR "DUCKS."

CHRISTCHURCH, (N.Z.), Friday, March 24.

There was a thrilling start to the first Test between England and New Zealand here to-day.

Sutcliffe and Paynter opened the innings, but within a few minutes were both out for "ducks"—Sutcliffe caught by James and Paynter bowled by Smith.—Reuter.

Late Scores: Stop Press.

THE SOVIET AMBASSADOR ENTERTAINS

AN ALL-RED TALKIE FOR ALL-WHITE DIPLOMATS

MISSING GUESTS

Judeia declara guerra contra a Alemanha, 24 de março de 1933.

Os cristãos dizem...

“O Capitão Ramsay, um cavalheiro cristão de coragem incomparável, acreditava que a guerra contra a Alemanha não tinha como objetivo promover os interesses da Inglaterra, mas apenas ajudar a cumprir o plano de expansão do comunismo e do poder judaico. Por ter advertido seus compatriotas dessas forças, foi colocado na prisão sem direito a julgamento por mais de 4 anos, por “razões” tão absurdas que aqueles que o incriminaram não ousaram submetê-lo a um tribunal.”

Truth

“Durante anos, o Capitão Ramsay foi membro do Parlamento britânico. Seu livro é uma análise da guerra judaico-sionista contra a civilização cristã.”

The Cross and The Flag

Os judeus dizem...

“Não há limites para as profundezas da depravação humana, o Capitão Maule Ramsay... parece ter feito uma tentativa muito determinada de sondar essas profundezas.”

The Jewish Chronicle

“A publicação de tal livro, neste momento, ressalta a necessidade urgente de uma lei que torne crime proclamar o ódio racial ou publicar calúnias contra grupos sociais.”

The Daily Worker

CONTEÚDO

Prólogo

1. A Revolução Inglesa

2. A Revolução Francesa

3. A Revolução Russa

4. Desenvolvimento de Técnica Revolucionária

5. Alemanha Coloca o Sino no Gato

6. 1933: Judeia Declara Guerra à Alemanha

7. O Bombardeio Contra Civis Põe Fim a "Guerra de Mentira"

8. Dunquerque e depois de Dunquerque

9. Construindo o Futuro

10. O Papel do Presidente Roosevelt

11. O Regulamento 18B

12. Quem Ousa?

13. Epílogo

14. Declaração

15. Motivos Alegados Para a Minha Prisão

16. Apêndice 1

17. Apêndice 2

18. Apêndice 3

19. Apêndice 4

20. Apêndice 5

PRÓLOGO

Eduardo I expulsou os judeus da Inglaterra por seus inúmeros crimes, que colocavam em risco o bem-estar de seu reino e de seus súditos, crimes esses em grande parte descritos nos Estatutos do Judaísmo [1], aprovados pelo Parlamento em 1290, ação em que os Comuns tiveram papel preponderante.

O rei da França fez o mesmo pouco depois, e o mesmo fizeram outros governantes da Europa cristã. A situação se tornou tão difícil para os judeus na Europa que eles escreveram um pedido urgente de ajuda ao Sinédrio, então localizado em Constantinopla.

Este apelo foi assinado por Chemor, rabino de Arles, na Provença, na data de 13 de janeiro de 1489. A resposta chegou em novembro daquele ano, tendo por assinatura: "V.S.S. V.F.F. Príncipe dos Judeus". Nele, judeus europeus foram aconselhados a adotar a tática do Cavalo de Tróia: tornar seus filhos padres, advogados, médicos, etc., e trabalhar para destruir as estruturas cristãs por dentro.

A primeira consequência notável desse conselho ocorreu na Espanha, sob o reinado de Fernando e Isabel. Muitos judeus foram batizados, mas secretamente permaneceram judeus e trabalharam secretamente para destruir a Igreja Católica na Espanha.

A ameaça tornou-se tão séria que um tribunal de Inquisição teve que ser instituído para limpar o país desses conspiradores. Mais uma vez, os judeus foram forçados a fazer o êxodo de mais um país cuja hospitalidade haviam abusado.

Viajando para o leste, esses judeus se juntaram a outras comunidades judaicas na Europa Ocidental. Um número considerável fugiu para a Holanda e a Suíça.

De agora em diante, esses dois países se tornaram centros ativos de intriga judaica. No entanto, os judeus sempre precisaram de uma nação marítima poderosa para se vincularem.

A Grã-Bretanha, recém-unida sob Jaime I, era uma potência naval em ascensão, que começava a dominar os quatro cantos do mundo recém-descoberto. Aqui, além disso, havia um ambiente maravilhoso que conduzia à sua destruição, pois embora fosse um reino cristão, a nação estava dividida entre protestantes e católicos.

Uma campanha para explorar esta divisão e fomentar ódio entre as comunidades cristãs logo estava em processo de organização. O quão bem os judeus tiveram sucesso nesta campanha na Grã-Bretanha pode ser julgado pelo fato de que um dos primeiros atos do mercenário Oliver Cromwell, depois de executar o rei, conforme planejado, foi o de permitir aos judeus o livre acesso à Inglaterra mais uma vez.

[1] Veja o Apêndice 1 deste livro.

A REVOLUÇÃO INGLESA

“Estava predestinado que a Inglaterra fosse a primeira de uma série de revoluções, que ainda não terminou.”

Com essas palavras enigmáticas começa a biografia de Carlos I [da Inglaterra] escrita em 1851 por Isaac Disraeli, pai de Benjamin Earl de Beaconsfield. Muitas das informações contidas neste trabalho extraordinariamente preciso foram compiladas pelo autor nos arquivos de Melchior Salom - um diplomata francês na Inglaterra durante este período.

A cortina sobe e o palco mostra-nos, por um lado, o reino britânico fundado no Cristianismo e nas suas antigas tradições - que mantêm a monarquia, a Igreja, o Estado, a nobreza e o povo

unidos sob o mesmo vínculo - e do outro lado, as maquinações sinistras do Calvinismo.

Calvino veio da França para Genebra, onde seu nome foi escrito Cauin [2] - possivelmente uma tentativa de soletrar Cohen em francês. Ele foi responsável por organizar um grande número de oradores revolucionários, vários dos quais foram destinados à Inglaterra ou Escócia. Assim, foi lançada a base para a revolução sob o manto do fervor religioso.

Em ambos os lados do Tweed, esses demagogos substituíram todas as religiões pela estrita observância do sábado. Nas palavras do próprio Isaac Disraeli: “A nação foi ferozmente dividida entre seguidores e violadores do sábado.” “Calvino”, afirma Disraeli, “conceituou o sábado como um preceito judeu, reservado para o povo santo.” Ele prossegue dizendo que os calvinistas tinham o país sob seu poder: “parecia que a religião consistia principalmente nos rigores do sábado e que o Senado britânico havia se tornado uma companhia de rabinos hebreus”: e mais tarde “Em 1650, após a execução do rei, foi aprovada uma lei que punia a violação do sábado.”

[2] A Catholic Gazette de fevereiro de 1936 relata que em uma reunião da B’nai B’rith em Paris, foi declarado que Calvino era de ascendência judaica.

Buckingham, Strafford e Laud foram as três principais figuras que, desde o início, estiveram em torno do rei. Eles eram homens em cuja lealdade ao seu rei, país e tradições, Carlos podia confiar.

Buckingham, o grande amigo do rei Jaime I e daqueles que salvaram sua vida nos tempos da conspiração Gowrie (de conexões cabalísticas sinistras), foi assassinado nos primeiros anos do reinado de Carlos, sob circunstâncias misteriosas.

Strafford, que inicialmente estava inclinado a se juntar à facção oposta, mais tarde a abandonou e se tornou um adepto leal e um defensor dedicado do rei.

A facção oposta tornou-se cada vez mais hostil a Carlos e, sob a liderança de Pym, decidiu retirar Strafford de sua jurisdição. Disraeli escreve que "o rei considerava esta facção como sua inimiga", acrescentando que o chefe desta facção era o Conde de Bedford. Conforme observado pelo eminente historiador católico Walsh, a família desse homem foi fundada durante a época dos Tudor por um comerciante de vinho judeu chamado Roussel.

Com o julgamento e execução de Strafford, vieram à tona os poderes que impulsionavam a crescente conspiração calvinista (ou cohenista), bem como seu objetivo principal: a cidade de Londres.

Nessa época, de repente, começaram a aparecer pela cidade turbas armadas de "Operativos" (o equivalente medieval para "trabalhadores", sem dúvida). vagando pela cidade. Vejamos o que Disraeli nos diz sobre isso:

"Dizem que somam dez mil... com armas semelhantes às de guerra. Era uma milícia para a insurreição para qualquer época do ano e poderia ser invocada para qualquer trabalho de destruição a um preço muito barato... à medida em que avançavam com punhais sobre a cidade, se tornava óbvio que tudo isso havia sido planejado há muito tempo."

Definitivamente foi. Quando Strafford ainda não havia sido executado, ninguém pensava em uma guerra civil, ninguém, exceto aqueles que estavam nos bastidores a preparando.

Essas multidões armadas de "trabalhadores" intimidavam qualquer um que se interpusesse em seu caminho, incluindo, em momentos críticos, as Casas do Parlamento e o Palácio. Era exatamente o mesmo método que mais tarde seria usado pelo "Batalhão Sagrado" e pelos "Marselheses" durante a Revolução Francesa.

Isaac Disraeli estabelece outros paralelos entre a situação inglesa e a Revolução Francesa, por exemplo quando fala da imprensa: “já não há restrições”, assim como a proliferação de panfletos revolucionários: “de 1640 a 1660 apareceram cerca de 30.000.” E mais tarde: “a coleção de panfletos da Revolução Francesa é tão abundante quanto a da época de Carlos I [da Inglaterra].”

E ele continua: “Qualquer que fosse a mão que estivesse puxando as cordas nos bastidores... poderia elaborar uma lista de 59 membros da Câmara dos Comuns, rotulando-os com o hediondo título de “Strafordianos” ou traidores da pátria.”

E de quem é mão? Disraeli - que tanto sabia - discretamente cobre o assunto com um véu e deixa a tarefa de completar a revelação para nós. Para fazer isso, devemos nos voltar para outras obras como a Enciclopédia Judaica, a obra de Sombart, Os Judeus e o Capitalismo Moderno entre outros. Neles, aprenderemos que Cromwell, a figura principal da revolução, estava intimamente relacionado com poderosos financistas judeus holandeses e recebia grandes somas de dinheiro de Menasseh ben Israel, enquanto Fernandez Carvajal, “O Grande Judeu”, como era chamado, era o principal fornecedor do novo exército.

Em Os judeus na Inglaterra, temos o seguinte:

“Em 1643, um grande contingente de judeus chegou à Inglaterra, reunindo-se na casa do embaixador português De Souza, que era marrano (criptojudeu). O mais proeminente deles foi Fernandez Carvajal, um grande financista e fornecedor do exército.”

Em janeiro do ano anterior, a tentativa de prender cinco de seus membros havia desencadeado a violência de multidões armadas de “operativos”. Panfletos revolucionários foram distribuidos nesta ocasião, como Disraeli nos diz: “Carregando o grito insurrecional de 'Às suas tendas, ó Israel'.” Pouco depois, o rei

e a família real deixaram o Palácio de Whitehall. Os cinco membros, juntos com as turbas armadas e com faixas foram recebidos triunfantemente de volta a Westminster. O cenário estava armado para a chegada de Carvajal e seus judeus e a ascensão de Cromwell, o mercenário.

Mudança de cenário. A Guerra Civil começou. O ano é 1647: Naseby foi conquistada e perdida. O rei é praticamente um prisioneiro, embora seja oficialmente um convidado de honra da Holmby House.

De acordo com uma carta publicada em inglês simples [3] de 3 de setembro de 1921, consta a seguinte coisa:

"Os Sábios Anciões existem há muito mais tempo do se suspeita. Meu amigo, Sr. L.D. Van Velckert, de Amsterdã, recentemente me enviou uma carta contendo alguns trechos da sinagoga de Mulheim. O volume em que eles estão contidos foi perdido em algum período durante as Guerras Napoleônicas e recentemente caiu nas mãos do Sr. Van Velckert. Está escrito em alemão e contém fragmentos das cartas enviadas e recebidas pelas autoridades da sinagoga de Mulheim. O primeiro fragmento é de uma carta recebida em 16 de junho de 1647:

16 de junho de 1647.
De OC (ou seja, Oliver Cromwell), por Ebenezer Pratt.

"Em troca de apoio financeiro, ele promoverá a aceitação dos judeus na Inglaterra: no entanto, isso será impossível enquanto Carlos estiver vivo.

"Carlos não pode ser executado sem julgamento, para o qual não existem as condições adequadas neste momento. Portanto, aconselho que Carlos seja assassinado, mas ele não quer ter nada a ver com esse negócio e estaria disposto a ajudar em sua fuga.

Em resposta, o seguinte foi enviado:

12 de julho de 1647. Para O.C. por E. Pratt.

“Daremos ajuda financeira assim que Carlos for deposto e os judeus admitidos. A coisa do assassinato é muito perigosa. Carlos deve ter a oportunidade de escapar: sua recaptura tornaria seu julgamento e execução possíveis. O apoio será generoso, mas é inútil discutir os termos até o início do julgamento.”

De posse dessas informações, os objetivos dos movimentos subsequentes dos regicidas se tornam claro. Em 4 de junho de 1647, Cornet Joyce, sob as ordens secretas do próprio Cromwell e - de acordo com Disraeli - desconhecido até mesmo pelo General-comandante chefe Fairfax - desceu para a Holmby House com 500 soldados revolucionários e prendeu o rei. Disraeli diz que:

“O plano foi arquitetado em 30 de maio em uma reunião secreta realizada na casa de Cromwell, embora mais tarde Cromwell fingisse que foi sem sua concordância.”

[3] Uma revista semanal publicada pela North British Publishing Co. e editada pelo falecido Lord Alfred Douglas.

Esta ação coincidiu com uma mudança repentina no exército: a ascensão dos “Niveladores” e dos “Racionalistas”. Suas doutrinas eram as mesmas dos revolucionários franceses: eram, de fato, iguais ao que conhecemos hoje como comunismo. Foram estes os regicidas que “expurgaram” quatro vezes o Parlamento, até restarem apenas 50 membros, simpatizantes dos comunistas, que mais tarde ficaram conhecidos como The Rump.

Voltemos à carta de 12 de junho de 1647 em que a sinagoga de Mulheim sugere que uma tentativa de fuga seja usada como pretexto para a execução do Rei. Isso foi cumprido em 12 de

novembro do mesmo ano. Hollis e Ludlow consideram a fuga um estratagema de Cromwell. Isaac Disraeli afirma:

“Os historiadores contemporâneos concluíram que o Rei, desde o dia de sua deportação de Holmby até sua fuga para a Ilha de Wight, estava sob a influência de Cromwell.”

Pouco mais resta a ser dito. Cromwell havia cumprido as ordens da sinagoga e agora só faltava a farsa do julgamento.

Por algum tempo as manobras continuaram. E ficou claro que a Câmara dos Comuns, mesmo parcialmente “purgada”, ainda era a favor de chegar a um acordo com o rei. Em 5 de dezembro de 1648, a Câmara se reuniu durante toda a noite e finalmente concordou que “as concessões do rei são satisfatórias para se chegar a um acordo.”

Obviamente, se tal acordo tivesse sido alcançado, Cromwell não teria recebido grandes quantias de dinheiro dos judeus, então ele atacou novamente. Sob suas instruções, na noite de 6 de dezembro, o Coronel Pride realizou o último e mais famoso de seus “expurgos” da Câmara dos Comuns, conhecido como o “Expurgo de Pride”. Em 4 de janeiro, os poucos remanescentes - dos 50 membros comunistas - tornam-se “autoridade suprema”.

Em 9 de janeiro, foi proclamado um “Supremo Tribunal de Justiça” para julgar o rei. Dois terços de seus membros eram Niveladores do Exército.

Algernon Sidney advertiu Cromwell: “Primeiro, o rei não pode ser julgado por nenhum tribunal. Segundo, nenhum homem pode ser julgado por este tribunal.” Assim escreve Hugh Ross Williamson em sua obra Charles and Cromwell, ele finaliza afirmando que “nenhum advogado inglês foi encontrado para redigir a acusação, que acabou sendo confiada a um estrangeiro chamado Isaac Dorislaus.”

Desnecessário dizer que Isaac Dorislaus era exatamente o mesmo tipo de estrangeiro que Carvajal e Menasseh ben Israel e os outros financistas que pagaram ao seu “protetor” com dinheiro de sangue.

Os judeus foram novamente autorizados a entrar livremente na Inglaterra, apesar dos fortes protestos do subcomitê do Conselho de Estado, que declarou que eles seriam uma grave ameaça para o Estado e a religião cristã. Talvez tenha sido graças aos protestos do Conselho que a lei de expulsão nunca foi oficialmente revogada.

“A Revolução Inglesa sob Carlos I - escreve Isaac Disraeli - foi diferente de todas as anteriores... a partir dessa época e evento, as diferentes fases da Revolução começaram a acontecer na história.”

Muitos outros seguiram a mesma linha, principalmente na França. Em 1897, uma pista importante sobre esses eventos misteriosos, caiu nas mãos dos gentios na forma dos Protocolos dos Sábios de Sião. Neste documento pode-se ler a seguinte afirmação:

“Lembrai-vos da Revolução Francesa: os segredos de sua preparação nos são bem conhecidos, porque ela foi totalmente a obra de nossas mãos.” [Protocolo nº 3, 14.]

Os Sábios poderiam ter tornado a passagem ainda mais completa e escrito: “Lembrai-vos das revoluções britânica e francesa: os segredos de sua preparação nos são bem conhecidos, porque ela foi totalmente a obra de nossas mãos.”

O difícil problema da subjugação de ambos os reinos ainda não estava resolvido. A Escócia foi monarquista antes de qualquer coisa e proclamou Carlos II Rei. Os exércitos de Cromwell - auxiliados por seus simpatizantes de Genebra - marcharam sobre a Escócia e espalharam a barbárie judaica a torto e a direito, mas a Escócia continuou a chamar Carlos II de Rei. O rei havia aceitado a forma presbiteriana de cristianismo para a

Escócia: e de maneira lenta mas firme, a opinião pública inglesa começou a se parecer com a da Escócia. Finalmente, após a morte de Cromwell, toda a Grã-Bretanha deu as boas-vindas à restauração do rei ao trono da Inglaterra.

Em 1660, Carlos II voltou: mas havia uma diferença importante entre o reino do qual ele fugiu quando menino e aquele para o qual voltou como Rei. Os inimigos da realeza estavam entrincheirados em seu reino e, assim que o palco fosse montado para renovar a propaganda contra o papado e, assim, dividir mais uma vez as pessoas que se consideravam parte da Igreja de Cristo, o próximo golpe seria dado. O próximo golpe tinha como objetivo colocar o controle das finanças de ambos os reinos nas mãos dos judeus, que agora estavam firmemente instalados em seu interior.

Evidentemente, que Carlos não tinha consciência do problema ou dos planos judaicos, ou da ameaça que eles representavam para seu povo. A sabedoria e a experiência de Eduardo I se perderam após séculos de segregação causado pelo vírus judeu.

Com a ascensão de Jaime II, a crise não demorou muito. A mais inescrupulosa panfletagem e propaganda logo se espalharam contra ele, e não é surpresa descobrir que muitos dos mais vis panfletos foram impressos na Holanda. Este país era a caverna onde os piores rufiões se refugiavam e muito do que estava acontecendo em toda a Europa naquela época, era forjado.

Rumores chegaram ao rei de que seu próprio cunhado havia se juntado àqueles que conspiravam contra ele: mas recusou-se terminantemente a dar crédito a eles ou a tomar qualquer atitude até que surgissem notícias de que uma campanha contra ele estivesse em andamento.

John Churchill, primeiro Duque de Marlborough, foi o personagem principal entre os que traíram Jaime naquele momento crucial. A Enciclopédia Judaica nos informa que esse

duque por muitos anos recebeu pelo menos 6.000 libras por ano do judeu holandês Solomon de Medina.

O verdadeiro objetivo da "Revolução Gloriosa" foi alcançado alguns anos depois, em 1694, quando foi dado o consentimento real para a constituição do "Banco da Inglaterra" e a dívida nacional foi instituída. Essa ação deu o poder de cunhar dinheiro para um comitê anônimo: converteu a base da riqueza em ouro: e permitiu que os credores internacionais garantissem seus empréstimos sobre os impostos do país, em vez de depender da incerteza de subornar um governante, que era a única opção que eles tinham antes.

A partir desse momento, a máquina econômica foi posta em ação, que acabou reduzindo toda a riqueza aos termos fictícios do ouro - que os judeus controlam - drenando toda a vida da terra - a verdadeira riqueza - que era o direito de nascença dos povos britânicos.

Logo depois, a Escócia foi forçada a aceitar a união política e econômica com a Inglaterra, apesar dos protestos de cada um de seus condados. Os principais objetivos da União eram suprimir a Casa da Moeda Real na Escócia e impor a ela, também, a responsabilidade pela "Dívida Nacional". O domínio do agiota agora estava completo em toda a Grã-Bretanha. O único perigo era que, mais cedo ou mais tarde, os membros do novo Parlamento conjunto se rebelassem contra essa situação, como seus predecessores haviam feito.

Para contornar esta eventualidade, o sistema partidário foi criado, frustrando assim qualquer reação nacional autêntica e permitindo que aqueles que puxam as cordas nos bastidores, pudessem dividir e governar: usando seu poder financeiro recém-estabelecido para garantir que seus próprios homens e suas próprias políticas garantam os holofotes e o apoio suficiente de jornais, panfletos e bancos para vencer.

Logo, o ouro passou a ser a base dos empréstimos, representando dez vezes o valor depositado.
Em outras palavras, 100 libras em ouro seriam legalmente a garantia de um empréstimo de 1.000 libras: a 3%, portanto, 100 libras em ouro poderiam render 30 libras de juros anualmente, sem mais aborrecimentos ao credor a não ser fazer anotações de alguns registros em seus livros.

O proprietário de 100 libras de terra, entretanto, ainda deve trabalhar todas as horas do dia para ganhar talvez 4%. O resultado desse processo era questão de tempo. Os agiotas tornaram-se milionários enquanto aqueles que possuem e vivem da terra, como os ingleses e escoceses, foram à falência.

O processo continua inexoravelmente até hoje, estando quase concluído. Embora tenha sido hipocritamente encoberto por uma engenhosa propaganda, afirmando que é para ajudar os pobres e contra os interesses dos ricos. Na realidade, não é nada disso. É na verdade para arruinar as classes proprietárias de terras - líderes entre os gentios - causado por financistas judeus e seus comparsas.

A REVOLUÇÃO FRANCESA

A Revolução Francesa de 1789 é o acontecimento mais importante da história da Europa desde a queda de Roma e representa o surgimento de um novo fenômeno perante o mundo.

Nunca antes uma turba aparentemente organizou uma revolução bem-sucedida contra todas as outras classes do Estado, sob slogans retumbantes, mas sem sentido, e por métodos que nada tinham a ver com os princípios exaltados por seus próprios slogans. Nunca antes uma seção de qualquer nação tinha conquistado todas as outras seções: e menos ainda, varrido todas as características da vida e tradição nacional, desde o Rei, religião, nobres, clero, constituição,

bandeira, calendário e nomes de lugares, até à cunhagem de moedas.

Tal fenômeno merece maior atenção, especialmente tendo em vista que se repetiu de forma idêntica em muitos outros países.

A principal descoberta que tal exame revelará é o seguinte: a revolução não foi obra dos franceses para melhorar a França. Foi obra de alienígenas, cujo objetivo era destruir tudo o que a França havia sido até então.

Esta conclusão é corroborada pelas menções a "estrangeiros" em altos cargos nos Conselhos Revolucionários, mencionados não apenas por Sir Walter Scott, mas pelo próprio Robespierre.

Temos os nomes de muitos deles e é claro que não eram britânicos, nem alemães, nem italianos, ou de qualquer outra nacionalidade... eram, é claro, judeus.

Vejamos o que os próprios judeus têm a dizer sobre isso:

"Lembrai-vos da Revolução Francesa, a que demos o nome de "grande": os segredos de sua preparação nos são bem conhecidos, porque ela foi totalmente a obra de nossas mãos."

[Os Protocolos dos Sábios de Sião - Nº 3.]

"Fomos nós os primeiros que, já na antiguidade, lançamos ao povo as palavras: "Liberdade, Igualdade, Fraternidade". Palavras repetidas tantas vezes pelos papagaios inconscientes que, atraídos de toda a parte por essa isca, dela somente têm usado para destruir a prosperidade do mundo, a verdadeira liberdade individual, outrora tão bem garantida dos constrangimentos da multidão. Homens que se julgavam inteligentes não souberam desvendar o sentido oculto dessas palavras, não viram que se contradizem, não repararam que não há igualdade na natureza, que nela não pode haver liberdade (significando, é claro, liberdade entendida por

socialistas e comunistas, liberdade para destruir seu próprio país).”

[Os Protocolos dos Sábios de Sião - Nº 1.]

Com esse conhecimento em nossa posse, descobriremos que possuímos uma chave mestra para os obscuros acontecimentos da Revolução Francesa. A imagem um tanto confusa de personagens e eventos se movendo pela tela, que nossos livros de história nos mostraram, de repente se tornará um drama humano combinado e conectado.

Quando começarmos a traçar paralelos entre a França de 1789, Grã-Bretanha de 1640, Rússia de 1917, Alemanha, Hungria de 1918-1919 e a Espanha de 1936, sentiremos que o drama nos envolve com um senso de realidade novo e pessoal.

“A revolução é um golpe desferido em um paralítico.” Mesmo assim, no entanto, deve ser óbvio que uma imensa organização e vastos recursos, bem como astúcia e sigilo muito acima do comum, são necessários para sua preparação bem-sucedida.

É incrível que as pessoas afirmem que “as turbas” ou que “as pessoas” realizaram uma operação tão complicada e cara. Além disso, nenhum erro pode ser mais perigoso: pois resultará em total incapacidade de reconhecer o verdadeiro significado dos eventos, ou a fonte e o foco de um movimento revolucionário. O processo de organizar uma revolução é, em primeiro lugar: infligir paralisia: e em segundo lugar, de desferir o(s) golpe(s). Na primeira parte do processo, a discrição é essencial. Seus sinais externos são dívidas, publicidade descontrolada e a existência de organizações secretas influenciadas por estrangeiros no Estado condenado à morte.

A dívida, especialmente externa, é o primeiro elo. Por meio dela, homens em posições elevadas são subornados e poderes e influências estranhos são introduzidos no corpo político. Quando você tem o controle da dívida, controla rapidamente todas as formas de publicidade e atividade

política, bem como os setores industriais. O cenário para um golpe revolucionário está então armado. O braço direito das finanças estabeleceu a paralisia: enquanto braço esquerdo revolucionário segura a adaga e desfere o golpe fatal. A corrupção moral facilita todo o processo.

Em 1780, a paralisia financeira atingiu a França. Os grandes financistas do mundo estavam bem estabelecidos.

“Eles possuíam uma parcela tão grande dos estoques de ouro e prata do mundo que mantinham a maior parte da Europa endividada. principalmente a França.” escreve McNair Wilson em Life of Napoleon e continua na página 38:

“Uma mudança fundamental ocorrera na estrutura econômica da Europa, pois sua base deixou de ser a riqueza e passou a ser a dívida. Na velha Europa, a riqueza era medida em terras, safras, rebanhos e minerais: mas um novo padrão havia sido introduzido, nomeadamente, uma forma de dinheiro a que tinha sido dado o título de “crédito”.”

As dívidas do reino francês, embora importantes, não eram de forma alguma impagáveis, exceto em termos de ouro: se os conselheiros do rei tivessem decidido emitir dinheiro para a segurança das terras e da riqueza real da França, a situação poderia ter sido facilmente corrigida. Mas a situação era controlada com firmeza pelos financistas, nenhum dos quais queriam romper com o sistema imposto pelos usurários internacionais.

Diante de tal fraqueza ou vilania, as correntes da usura só podiam ser apertadas cada vez mais, pois as dívidas eram em ouro e prata, nenhuma das quais a França tinha condições de produzir.

E quem eram os potentados da nova máquina de dívidas: esses manipuladores de ouro e prata, que conseguiram virar de cabeça para baixo as finanças da Europa substituindo a riqueza real por milhões e milhões de empréstimos usurários?

A falecida Lady Queenborough, em sua importante obra: Occult Theocracy nos dá alguns notáveis nomes, baseados na obra L'antisémitisme do judeu Bernard Lazare, de 1894.

Em Londres, ela nos dá os nomes de Benjamin Goldsmid e seu irmão Abraham Goldsmid, seu parceiro Moses Mocatta e seu sobrinho Sir Moses Montefiore como os principais financiadores da Revolução Francesa, junto com Daniel Itsig de Berlim e seu genro David Friedlander e Herz Cerfbeer da Alsácia.

Isso nos lembra o número 20 dos Protocolos dos Sábios de Sião:

“O padrão-ouro foi pernicioso para os Estados que o adotaram, porque não pôde satisfazer o consumo de dinheiro, tanto mais que retiramos de circulação a maior quantidade de ouro possível.”

E de novo:

“Os empréstimos, como a espada de Dâmocles, estão suspensos sobre a cabeça dos governantes, que vêm a nós em súplica.”

Não há palavras que melhor descrevam o que se passava na França. Sir Walter Scott em Life of Napoleon, vol. 1, descreve assim a situação:

“Os financistas usaram o governo da mesma forma que os esbanjadores são usados pelos agiotas usurários, que alimentam sua extravagância com uma mão, enquanto com a outra extraem de suas fortunas arruinadas as recompensas mais irracionais por seus adiantamentos. Depois de uma longa sucessão de empréstimos ruinosos e das várias garantias dadas para obtê-los, as finanças da França ficaram totalmente desequilibradas.”

O ministro-chefe das finanças do rei Luís XVI durante esses anos de confusão foi Necker, “um suíço” de origem alemã, filho de um professor alemão sobre quem McNair Wilson escreve:

“Necker havia sido imposto ao Tesouro do Rei como representante do sistema de dívidas e, como tal, mantinha lealdade a esse sistema.”

Podemos facilmente imaginar que tipo de política essa fidelidade inspirou em Necker: e quando acrescentamos a isso o fato de que seu histórico anterior era de um especulador ousado e sem escrúpulos, podemos entender por que as finanças nacionais da França sob seus cuidados pioraram rapidamente, de modo que, após quatro anos de suas manipulações, o infeliz governo do rei havia contraído uma dívida adicional e muito mais séria de 170 milhões de libras.

Em 1730, a Maçonaria foi introduzida na França a partir da Inglaterra. Em 1771, tornou-se tão popular que Filipe [4], o Duque de Chartres (mais tarde Duque de Orleães), tornou-se Grão-Mestre. Esse tipo de maçonaria era muito inocente, tanto em termos de política quanto de seus membros, nos seus primeiros dias: mas, como os acontecimentos provaram, os verdadeiros espíritos que a governavam eram cruéis, inescrupulosos e sanguinários.

O Duque de Orleães não era um desses últimos. Embora fosse um homem extravagante, vaidoso, ambicioso, libertino e sem princípios, ele não tinha outro objetivo a não ser destronar o rei e estabelecer uma monarquia democrática com ele mesmo como monarca. Além disso, devido à sua pouca inteligência, foi o homem ideal para liderar a primeira e mais moderada fase da revolução. Sendo um mero instrumento na mão de homens que provavelmente mal conhecia: e que logo depois de cumprir seu papel, foi mandado a guilhotina.

O Marquês de Mirabeau que o sucedeu como a figura principal da Revolução foi escalado para o mesmo papel. Ele era um homem muito mais hábil do que Orleães, mas um libertino tão asqueroso que foi evitado por toda a sua classe e preso mais de uma vez por iniciativa de seu próprio pai.

Ele é conhecido por ter sido financiado por Moses Mendelssohn, chefe dos Illuminati judeus, e por ter estado mais na companhia da judia Herz do que seu marido. Ele não foi apenas uma das primeiras figuras da maçonaria francesa, também introduziu o Iluminismo na França.

O Iluminismo era uma sociedade secreta revolucionária que estava por trás da Maçonaria. Os Illuminati penetraram em todas as lojas maçônicas do Grande Oriente e foram apoiados e organizados por judeus cabalitas. É interessante notar que tanto o Duque de Orleães quanto Talleyrand foram iniciados no Iluminismo por Mirabeau, logo após esse último o ter introduzido na França a partir de Frankfurt, onde sua sede foi estabelecida em 1782 sob Adam Weishaupt.

[4] Luís Filipe II de Orleães era membro do ramo menor da Bourbon House, a dinastia governante da França. Apoiador da Revolução Francesa, ele era conhecido pelos revolucionários como "Filipe Igualdade". Foi guilhotinado em 1793. Seu filho, Luís Filipe I, tornou-se rei dos franceses após a revolução de julho de 1830. Como resultado de sua carreira, o termo orleanismo passou a designar o movimento em favor da monarquia constitucional na França.

Em 1785, um evento muito estranho ocorreu, que fez parecer que as próprias potências celestiais fizeram uma tentativa de último momento para alertar a França e a Europa contra esses poderes do mal. Um raio atingiu um mensageiro dos Illuminati em Ratisbona. A polícia encontrou junto ao corpo, papéis que tratavam de planos para uma revolução mundial. O governo da Baviera fez uma busca na sede dos Illuminati e encontrou muitas outras evidências. As autoridades francesas foram informadas, mas o processo de paralisia já estava bem avançado e nada foi feito.

Em 1789, havia mais de duas mil Lojas na França afiliadas ao Grande Oriente, um instrumento direto da revolução internacional: e seus adeptos somavam mais de 100.000.

Assim, temos o iluminismo judaico sob Moses Mendelssohn e o iluminismo maçônico sob Weishaupt instalados como diretores de uma forte organização secreta que cobria toda a França. Sob os Illuminati trabalhou a Maçonaria do Grande Oriente, e sob esse novamente, a Maçonaria Azul, ou Nacional, operou até ser convertida da noite para o dia na Maçonaria do Grande Oriente por Filipe de Orleães em 1773. Mal sabia Igualdade dos poderes satânicos que estava invocando, pois eram de fato poderes satânicos. O nome Lúcifer significa "portador de luz" e os Illuminati eram aqueles iluminados por essa luz.

Quando os Estados Gerais se reuniram em Versalhes em 5 de maio de 1789, a paralisia do poder executivo por parte das organizações secretas estava completa. A paralisia pelo controle da opinião pública e da publicidade também estava bem avançada.

Essa foi a maneira de sua realização.

Em 1780, a renda dos Orleães de 800.000 libras, graças ao seu jogo vicioso e extravagâncias, foi totalmente hipotecada aos agiotas. Em 1781 assinou papéis onde cedeu seu palácio, suas terras e sua casa no Palais Royal aos seus credores, com poderes para formar ali um centro político, impressão de panfletos, jogos de azar, leitura, bordéis, lojas de bebidas, teatros, galerias de arte, esporte e muitos outros usos que posteriormente tomaram a forma de todas as variedades de malandragem. Os mestres financeiros de Igualdade usaram seu nome e publicidade para instalar um órgão colossal de propaganda e corrupção que apelou aos instintos mais baixos da natureza humana e atraiu grandes massas unidas pela sujeira, difamação e ideais revolucionários da imprensa.

Como escreve Scudder em Prince of the Blood:

“Deu à polícia mais coisas para fazer do que todas as outras partes da cidade. É interessante notar que o administrador nomeado pelos credores no Palais Royal era Laclos, um aventureiro político nascido no estrangeiro, autor de Liaisons Dangereuses e outras obras pornográficas, que dizia “estudar a política do amor por causa de seu amor a política.”

Esse fluxo constante de corrupção e propaganda destrutiva estava ligado a uma série de ataques pessoais sistemáticos da mais vil e inescrupulosa natureza contra qualquer figura pública que os jacobinos pensassem estar em seu caminho. Esse processo ficou conhecido como “L'infamie”.

A própria Maria Antonieta foi um dos principais alvos dessa forma de ataque tipicamente judaica. Nenhuma mentira era demasiado vil para lhe atribuir. Mais inteligente, esperta e vigorosa do que o fraco e indolente Luís, Maria Antonieta representava um obstáculo considerável à Revolução. Além disso, ela havia recebido inúmeras advertências sobre a Maçonaria de sua irmã na Áustria: e sem dúvida a essa altura estava mais consciente de seu significado do que quando escrevera para sua irmã alguns anos antes:

Acredito que, no que diz respeito à França, você se preocupa demais com a maçonaria. Aqui está muito longe de ter o significado que pode ter em outras partes da Europa. Aqui Tudo é muito aberto e se sabe tudo. Então, como pode haver perigo? Poderíamos nos preocupar se fosse uma sociedade política secreta. Mas, ao contrário, o governo permite que ela se expanda e é apenas o que parece ser, uma associação cujos objetivos são a união e a caridade. Come-se, canta-se, conversa-se, o que fez com que o rei em certa ocasião dissesse que as pessoas que bebem e cantam não são suspeitas de organizar tramas. Tampouco é uma sociedade de ateus, pois nos dizem que Deus está na boca de todos. Eles são muito caridosos. Eles cuidam dos filhos de seus membros pobres ou

falecidos: também dão os dotes de suas filhas. Que mal pode haver em tudo isso?

De fato, não haveria mal nenhum se não fosse o fato de que esses objetivos nada mais são do que a máscara que esconde outros desígnios sombrios. Sem dúvida, os agentes de Weishaupt e Mendelssohn transmitiram o relato desta carta a seus senhores, e podemos imaginar que seus senhores caíram na gargalhada e esfregaram as mãos com satisfação: mãos que estavam ansiosas para destruir a França e sua Rainha: e que na hora certa daria o sinal que converteria a conspiração secreta nos massacres de setembro e nos banhos de sangue da guilhotina.

A fim de promover uma campanha de difamação contra a Rainha, uma farsa foi organizada na época, quando os financistas e especuladores de grãos estavam criando deliberadamente condições de pobreza e fome em Paris.

Um colar de diamantes avaliado em quase um quarto de milhão foi encomendado aos joalheiros da corte em nome da Rainha por um agente dos jacobinos. A desafortunada Rainha nada sabia disso até que os joalheiros lhe trouxeram o colar e a pressionaram a aceitá-lo, enquanto ela naturalmente afirmava nada saber do assunto e insistia que lhe parecia de muito mau gosto encomendar tal coisa enquanto a França estava em uma condição financeira tão terrível. As prensas de impressão do Palais Royal, no entanto, se voltaram a todo vapor para o assunto: e todo tipo de crítica foi dirigida à Rainha.

A imprensa fabricou mais um escândalo. Uma prostituta do Palais Royal se disfarçou de Rainha e, por meio de uma carta falsificada, marcou um encontro com o cardeal príncipe de Rohan à meia-noite no Palais Royal, supondo que a Rainha desejasse consultá-lo sobre o assunto do colar. É desnecessário dizer que esse evento, foi imediatamente noticiado pela imprensa e através de panfletos, iniciando uma nova campanha contendo as mais sujas insinuações que se poderia imaginar

sobre todo o assunto. O responsável por tudo isso era Cagliostro, aliás Giuseppe Balsamo, um judeu de Palermo, doutor em arte cabalística e membro dos Illuminati, nos quais foi iniciado em Frankfurt por Weishaupt em 1774. Quando o colar finalmente serviu ao seu propósito, ele foi enviado para Londres, onde o judeu Eliason guardava a maioria das pedras.

Ataques de natureza semelhante foram dirigidos contra muitas outras pessoas decentes, que resistiram à influência dos clubes jacobinos. Após oito anos desse trabalho, o processo de paralisação pelo domínio da publicidade estava completo.

Assim, em 1789, quando os financistas forçaram o rei a convocar os Estados Gerais, a primeira parte do plano revolucionário (ou seja, a paralisia) foi realizada.

Restava apenas desferir o golpe ou uma série de golpes que despojariam a França de seu trono, sua igreja, sua constituição, seus nobres, seu clero, sua aristocracia, sua burguesia, suas tradições e sua cultura: deixando em seu lugar, quando terminou o trabalho da guilhotina, – meros cidadãos sob uma ditadura financeira estrangeira.

A partir de 1789, seguiu-se uma série de atos revolucionários: cada um mais violento que o outro, cada um fazendo novas demandas sob novos líderes revolucionários. No devido tempo, cada um desses líderes – marionetes dos verdadeiros poderes por trás da revolução – foi empurrado para o lado e suas cabeças rolaram para a cesta para se juntarem às de suas vítimas.

Filipe Igualdade, Duque de Orleães, foi usado para preparar o terreno para a revolução: proteger com seu nome e influenciar o clube revolucionário: popularizar a maçonaria e o Palais Royal: e patrocinar atos como a marcha das mulheres a Versalhes. As "mulheres" nesta ocasião eram principalmente homens disfarçados.

De Orleães acreditava que a multidão assassinaria o rei e a Rainha e que ele próprio seria proclamado rei democrático. Os verdadeiros cérebros por trás da marcha, no entanto, tinham outras coisas em mente. O principal objetivo era trazer a família real para Paris, onde estaria fora da proteção do exército e à mercê do poder da Comuna ou do Conselho do Condado de Paris, no qual os jacobinos eram supremos.

Eles continuaram manipulando Filipe Igualdade, até o momento da votação sobre a vida do rei, quando ele coroou sua sórdida carreira liderando o voto aberto na votação pela morte de seu primo. Depois disso, seus mestres não viam mais serventia em seus serviços: e ele logo acabou por ter o mesmo destino de seu primo: sendo condenado a guilhotina em meio às execrações de todas as classes.

Mirabeau desempenhou um papel semelhante ao de Igualdade. Ele queria que a revolução terminasse com o próprio Luís sendo coroado monarca democrático e ele listado como seu conselheiro. Ele não tinha nenhum desejo de ver a violência feita ao rei. Pelo contrário, nos últimos dias antes de morrer misteriosamente por envenenamento, dirigiu todos os seus esforços para que o rei fosse removido de Paris e colocado no comando de generais leais que ainda comandavam seu exército. Ele foi o último dos moderados e monarquistas a dominar o clube jacobino de Paris: aquele ninho revolucionário e sanguinário, que se materializou a partir dos clubes secretos dos maçons do Oriente e dos Illuminati.

Foi a voz de Mirabeau, alta e clara, que manteve sob controle a fúria fanática dos assassinos que fervilhavam. Não há dúvida de que no final ele percebeu a verdadeira natureza e força da besta que ele mesmo trabalhou tanto para libertar.

Em sua última tentativa de salvar a família real tirando-os de Paris, ele conseguiu derrubar toda a oposição no clube jacobino. Naquela noite, ele morreu de uma doença súbita e violenta e, como escreve o autor de The Diamond Necklace: "Louis sabia que Mirabeau havia sido envenenado".

Assim, como Filipe Igualdade, e mais tarde Danton e Robespierre, Mirabeau também foi removido do palco quando seu papel terminou. Recordemos a passagem número 15 dos Protocolos de Sião:

"Daremos a morte aos franco-maçons de maneira que ninguém, salvo seus irmãos, possa desconfiar"

E de novo:

"Assim trataremos os franco-maçons cristãos que saibam demasiado."

Como escreve E. Scudder em Life of Mirabeau: "Ele morreu exatamente no momento em que a revolução ainda podia ter sido interrompida".

A figura de Lafayette entra em cena em várias ocasiões importantes durante esses primeiros estágios revolucionários.

Ele era um desses tolos maçons, que são levados a conhecer um navio que não exploraram completamente, e por correntes sobre as quais são totalmente ignorantes.

Embora fosse uma figura popular entre as multidões revolucionárias, ele repreendeu severamente as várias tentativas incipientes de violência revolucionária, por exemplo, durante a marcha das mulheres a Versalhes, o ataque às Tulherias e no Campo de Marte. Ele também desejava o estabelecimento de uma monarquia democrática e não tolerava nenhuma ameaça contra o rei, mesmo que viesse de Filipe Igualdade, a quem tratou com a maior hostilidade durante e após a marcha das mulheres a Versalhes, acreditando naquela

ocasião que Igualdade tramava o assassinato do rei e a usurpação da coroa.

Ele evidentemente se tornou um obstáculo para os poderes por trás da Revolução e foi enviado para uma guerra contra a Áustria, que a Assembleia forçou Luís a declarar. Em determinado momento, ele conseguiu retornar a Paris em um esforço para salvar o Rei: mas mais uma vez ele foi enviado para a guerra. Então Mirabeau morreu e o destino de Luis foi selado.

As figuras selvagens de Danton, Marat, Robespierre e os fanáticos do clube jacobino agora dominavam a cena.

Em setembro de 1792, os terríveis massacres de setembro foram perpetrados, nos quais 8.000 pessoas foram assassinadas apenas nas prisões de Paris e muitas mais no resto do país.

Deve-se notar que essas vítimas foram detidas e mantidas até o momento do massacre nas prisões por um tal Manuel, Procurador da Comuna.

É evidente que Sir Walter Scott veio a compreender em grande medida as influências que estavam em ação nos bastidores. Em sua obra: Life of Napoleon, Vol. 2, ele escreve na página 30:

"A exigência da Comuna de Paris [5], convertida no Sinédrio Jacobino, era, evidentemente, por sangue."

Novamente, na página 56 ele escreve:

"O poder dos jacobinos era irresistível em Paris, onde Robespierre, Danton e Marat dividiam as melhores posições na sinagoga."

Nessa mesma obra, Sir Walter Scott escreve o seguinte sobre a Comuna:

"Os principais líderes da Comuna pareciam ser estrangeiros."

Alguns dos nomes desses "estrangeiros" merecem atenção. Havia Choderlos de Laclos, gerente do Palais Royal, que dizia ser de origem espanhola. Havia Manuel, o procurador da Comuna acima mencionado. Foi ele quem iniciou o ataque à realeza durante a Convenção, que culminaria nas execuções de Luís e Maria Antonieta. Havia David, o pintor, um dos principais membros do Comitê de Segurança Pública, que "julgava" as vítimas. Sua voz sempre se elevava para pedir a morte.
Sir Walter Scott escreve que esse demônio costumava começar seu maldito trabalho diário com a seguinte frase: "vamos expremer o suficiente do Vermelho."

David foi quem inaugurou o culto do Ser Supremo e organizou "a canalização dessa odiosa superstição que substituiu todos os sinais exteriores de devoção racional". (Sir Walter Scott, Life of Napoleon, Vol. 2.)

Havia Reubel e Gohir, dois dos cinco "Diretores", que com um Conselho de Anciãos se tornaram o governo após a queda de Robespierre, sendo conhecido como o Diretório.

Os termos "diretores" e "anciãos" são, naturalmente, tipicamente judeus.

Uma outra observação deve ser feita aqui: é que esse importante trabalho de Sir Walter Scott em 9 volumes, é praticamente desconhecido, nunca foi impresso junto com suas outras obras e é quase impossível de se obter.

[5] O Conselho do Condado de Paris, é equivalente ao L.C.C. de Londres.

Aqueles familiarizados com a técnica judaica apreciarão o pleno significado deste fato: e a importância adicional que dá à evidência de Sir Walter Scott sobre os poderes por trás da Revolução Francesa.

Vamos voltar para Paris. Robespierre está sozinho e aparentemente é o senhor da situação: mas vamos dar uma olhada na obra: Life of Robespierre que é escrita por um certo G. Renier como se tivesse acesso total aos segredos judaicos. Ele nos diz o seguinte:

“De abril a julho de 1794 [data da queda de Robespierre] o terror estava no auge. Nunca foi uma ditadura de um só homem, muito menos a de Robespierre. Cerca de 20 homens (os Comitês de Segurança Pública e Segurança Geral) dividiam o poder.”

“Em 28 de julho de 1794, Robespierre fez um longo discurso em frente à Convenção... uma filipina contra ultraterroristas - proferiu vagas acusações. “Não ouso nomeá-las neste momento e neste lugar. Não ouso rasgar completamente o véu que cobre este profundo mistério de iniquidade. Mas posso afirmar mais positivamente que entre os autores desta trama estão os agentes desse sistema de corrupção e extravagância, o mais poderoso de todos os meios inventados por estrangeiros para desfazer a República: refiro-me aos impuros apóstolos do ateísmo e da imoralidade que está em sua base”.

O senhor Renier continua com toda a satisfação de um judeu:

“Se ele não tivesse falado essas palavras, ele ainda poderia ter triunfado!”

Com esta frase, Renier termina de colocar os pontos nos is no que Robespierre havia deixado incompleto.

A alusão de Robespierre aos “estrangeiros corruptores e secretos” estava chegando muito perto do alvo: um pouco mais e toda a verdade seria exposta.

Às 2 horas da madrugada, Robespierre foi baleado na mandíbula e no dia seguinte logo pela manhã foi levado para a guilhotina.

Relembremos mais uma vez o protocolo 15:

“Assim trataremos os franco-maçons cristãos que saibam demasiado.”

Nota: De uma maneira um pouco semelhante, Abraham Lincoln foi baleado e morto pelo judeu Booth na noite em que ele disse ao seu gabinete sua intenção de financiar os EUA no futuro sem dívidas, semelhante à forma como ele financiou a Guerra Civil, com dinheiro livre de dívidas conhecido como “Greenbacks”.

A REVOLUÇÃO RUSSA

Monsieur François Coty, o conhecido fabricante de perfumes, escreveu em Figaro em 20 de fevereiro de 1932:

“Os subsídios dados aos niilistas durante esse período [1905-1917] por Jacob Schiff da Kuhn Loeb & Co., Nova York, não eram mais atos de generosidade isolada. Uma verdadeira organização terrorista russa havia sido criada às suas custas. Ele havia enchido a Rússia com seus emissários.”

A criação de formações terroristas por parte dos judeus dentro de um país condenado à revolução, sejam eles chamados de niilistas ou como na França em 1789, “bandos sagrados” ou “marselheses” ou “operativos”, como na Grã-Bretanha de Carlos I, agora se revela como técnica padrão.

Jacob Schiff também financiou o Japão em sua guerra contra a Rússia 1904-1905, como aprendemos na Enciclopédia Judaica. Essa guerra foi imediatamente seguida por uma tentativa de revolução em escala considerável na Rússia, que, no entanto, foi malsucedida. A tentativa seguinte, durante a Grande Guerra, teve sucesso total.

Em 3 de janeiro de 1906, o ministro das Relações Exteriores da Rússia forneceu ao imperador Nicolau II um relatório sobre esse surto revolucionário, que, conforme revelado no American Hebrew de 13 de julho de 1918, continha as seguintes passagens:

“Os eventos que ocorreram na Rússia em 1905... indicam claramente que o movimento revolucionário... tem um caráter internacional definido... os revolucionários possuem grandes quantidades de armas importadas do exterior e meios financeiros consideráveis... organizações capitalistas estrangeiras estão interessadas em apoiar nosso movimento revolucionário. Se acrescentarmos ao acima fato convincentemente comprovado de que uma parte bastante considerável do movimento é composta por judeus... como líderes em outras organizações... que sempre são o elemento mais belicoso da revolução... podemos nos sentir no direito de supor que o apoio estrangeiro acima mencionado ao movimento revolucionário russo vem dos círculos capitalistas judeus.” [Ed. Judeus devem ser entendidos como sionistas internacionais]

A conclusão do relatório anterior foi certamente mais do que justificada. Seria confirmado por outro documento oficial ainda mais importante, escrito no auge do movimento revolucionário em 1918, por Oudendyke, o representante do governo holandês em São Petersburgo, encarregado dos interesses britânicos na Rússia após a completa destruição da nossa Embaixada pelos bolcheviques.

Tão importante de fato foi este relatório do Sr. Oudendyke considerado pelo Sr. Balfour, a quem foi endereçado, que foi apresentado em um livro branco do governo britânico sobre o bolchevismo publicado em abril de 1919. (Rússia No. 1.) No qual se pode ler o seguinte:

“Considero que a supressão imediata do bolchevismo é o principal problema que o mundo enfrenta, inclusive o da guerra, que ainda está em andamento, e a menos que o bolchevismo seja extirpado imediatamente pela raiz, ele se espalhará de uma forma ou de outra pela Europa e por todo o mundo, já que é organizado e liderado por judeus, que não têm nacionalidade e cujo único objetivo é destruir a ordem existente para alcançar seus próprios interesses”.

As coisas se tornam ainda mais claras por conta de um artigo publicado em 12 de abril de 1919 em um jornal chamado The Communist, em Kharkov, assinado por um certo M. Cohen:

“A grande revolução russa foi de fato realizada por mãos judaicas. Não há judeus no Exército Vermelho no que diz respeito à infantaria, mas nos comitês e na organização soviética como comissários, os judeus estão liderando as massas. O símbolo do judaísmo tornou-se o símbolo do proletariado russo, o que de fato pode ser visto na adoção da estrela de cinco pontas, outrora símbolo do sionismo e do judaísmo.”

O Sr. Fahey, em sua grande obra The Rulers of Russia, é mais específico, afirmando que em 1917 das 52 pessoas que assumiram a liderança da Rússia, todas, incluindo Lenin, eram judeus.

Tão eficaz foi a liquidação de todas as classes sociais russas, exceto cortadores de madeira e carregadores de água que ainda permanecem sob domínio judaico. O Dr. Fahey nos conta que em 1935 o Executivo Central da Terceira Internacional, que governava a Rússia, “compunha-se de 59 homens, dos quais 56 eram judeus. Os outros três, incluindo (((Stalin))), eram casados com judias. Dos 17 principais embaixadores soviéticos, 4 eram judeus.” (The Rulers of Russia, páginas 8 e 9.)

O Rev. George Simons, que foi Superintendente da Igreja Metodista Episcopal em São Petersburgo de 1907 a outubro de 1918, compareceu perante um Comitê do Senado dos Estados Unidos em 12 de fevereiro de 1919, e apresentou um relatório sobre suas experiências pessoais na Rússia. Dr. Fahey o cita ao dizer esta evidência:

“Em dezembro de 1918, dos 388 membros do governo revolucionário, apenas 16 eram genuínos russos: todos os demais eram judeus, com exceção de um negro americano.

Enquanto que 265 judeus vinham direto do Lower East Side de Nova York."

Tal tem sido a situação na URSS desde aquele dia até os dias de hoje.

Embora um bom número de judeus tenham sido mortos durante o chamado "Expurgo de Moscou", isso não mudou em nada a situação. Significava simplesmente que uma facção judaica havia triunfado e liquidado a outra. Nunca houve uma revolta gentia contra o domínio judaico.

O fato de alguns judeus terem sido assassinados por facções vencedoras por trás da cortina de ferro, foi usado para enganar o mundo, fazendo-o acreditar que isso era o resultado de uma revolta antissemita, e de tempos em tempos uma farsa desse tipo é sistematicamente propagada.

À medida que a opinião mundial gradualmente se tornou hostil à URSS, judeus proeminentes começaram a temer que esse sentimento, combinado com uma percepção gradual de que o bolchevismo é judeu, pudesse ter reações desagradáveis para eles. Por volta de 1945, círculos judaicos influentes montaram uma poderosa campanha, principalmente nos Estados Unidos, para espalhar novamente a história de que a Rússia havia se voltado contra os judeus. Eles aparentemente se esqueceram de comunicar essa tática a seus irmãos menores, pois refutações bem informadas logo surgiram. Um jornal chamado Bulletin, o órgão do Glasgow Discussion Group, escreveu em junho de 1945 o seguinte:

"Eles estão espalhando uma farsa: o crescimento do antissemitismo na Rússia não passa de mentiras maliciosas e pura invenção."

Em 1º de fevereiro de 1949, o Daily Worker publicou um artigo no qual um certo Sr. Parker dava alguns nomes de judeus em altos cargos na URSS, e tudo parece indicar que ele havia acabado de retornar da mesma, pois escreveu:

“Eu nunca ouviu a menor crítica contra esta situação” e mais tarde afirmou no mesmo artigo: “o antissemitismo traria as mesmas consequências tanto para um oficial soviético como para um cidadão levado ao tribunal sob acusação de antissemitismo.”

Em 10 de novembro de 1949, o Daily Worker, o constante e ardente defensor dos judeus, publicou um artigo do Sr. D. Kartun intitulado: “Acabando com o antissemitismo” mostrando o total controle judaico por trás da Cortina de Ferro, escreve ele:

“Na Polônia e nas outras democracias populares, o antissemitismo seja através de palavras ou atos é punido mais severamente.”

Entre 1945 e 1949, houve um enorme esforço de propaganda para convencer os gentios fora da cortina de ferro, que dentro daquela área o antissemitismo era desenfreado, e que todos os judeus estavam sendo expulsos de altos cargos em todos os lugares. Algumas pessoas começaram a acreditar nisso e é por isso que no outono de 1949 parecia valer a pena listar todos os cargos importantes ocupados pelos judeus atrás da Cortina de Ferro. Aqui está um trecho dessa lista.

URSS:

Premier — (((Stalin))) casado com uma judia

Vice-primeiro-ministro — Lazar Kaganovich, judeu

Ministério do Controle do Estado — Lev Mékhlis, judeu

Construção Militar e Naval — Ginsburg, judeu

Ministro do órgão Cominform — Yudin, judeu

Chefe de Propaganda no Exterior — Ilya Ehrenburg, judeu

Ministro da Construção e Máquinas — Yudin, judeu

Ministro das Relações Exteriores — Viatcheslav Molotov casado com uma judia

POLÔNIA:

Governante Virtual — Jacob Bergman, judeu

Ministério Público — T. Cyprian, judeu

Movimentos Juvenis — Dr. Braniewsky, judeu

HUNGRIA:

Governante Virtual — Mátyás Rákosi, judeu

ROMÊNIA:

Ana Pauker, judia (depois removida por "desviacionismo", mas substituída por outro judeu)

IUGOSLÁVIA:

Governante Virtual — Moša Pijade, judeu

Em maio de 1949, o Daily Worker, que é obviamente fervorosamente pró-judeu, publicou um artigo do Sr. A. Rothstein elogiando a URSS e ao mesmo tempo um artigo semelhante sobre o paraíso atrás da Cortina de Ferro pelo Sr. Sam Aronvitch.

Em 10 de novembro o mesmo jornal publicou um artigo em que D. Kartun, escrevendo sobre as "Democracias Populares" e criticando o antissemitismo, dizia:

"Ninguém poderia sequer sonhar em fazer discursos antissemitas ou escrever um artigo antissemita em nenhum desses países. Se o fizessem, a pena de prisão seria imediata e por muito tempo."

Novas evidências dramáticas da inter-relação vital entre os judeus e a URSS chegaram a nós nos últimos anos. Os julgamentos de espionagem canadenses, que se concentravam na espionagem atômica para a URSS, culminaram na condenação de Frank Rosenberg (aliás Rose), o judeu comunista canadense membro do Parlamento e de muitos outros judeus da mesma gangue na Inglaterra e nos EUA. Incluindo Fuchs, Professor Weinbaum, Judith Coplon, Harry Gold, David Greenglass, Julius Rosenberg, Miriam Moskowitz, Abraham Brothanz e Raymond Boyer, que, embora gentio de nascimento, casou-se com uma judia e, creio, que adotou o credo judaico naquela ocasião.

Tivemos a fuga para a URSS com segredos atômicos do também professor judeu Pontecorvo, que vinha trabalhando em parceria com Fuchs.

Sem dúvida, continuarão a surgir histórias de que a Rússia se tornou antissemita, mas não é difícil ver que as correntes judaicas, apoiadas pelos mais sofisticados esquadrões de espionagem e assassinato, causariam uma reviravolta mundial antes de serem quebradas.

DESENVOLVIMENTO DA TÉCNICA REVOLUCIONÁRIA

Quatro revoluções na história merecem nossa atenção especial. O estudo e a comparação dos métodos ali empregados revelarão, por um lado, uma semelhança básica entre eles: e, por outro, um interessante avanço na técnica, a cada reviravolta sucessiva.

É como se estudássemos as diferentes etapas na evolução do fuzil moderno desde o original "Brown Bess". As revoluções em questão são primeiro a de Cromwell, depois a francesa, em terceiro lugar a russa e finalmente a espanhola de 1936. Pode-se provar que todas elas foram obra de judeus internacionais. As três primeiras foram bem-sucedidas e terminaram com o

assassinato do monarca reinante e o extermínio de seus partidários.

Em cada caso, as finanças e intrigas judaicas são fáceis de se rastrear e a primeira medida aprovada pelos revolucionários foi a "emancipação" dos judeus.

Cromwell foi financiado por vários judeus, principalmente Menasseh Ben Israel e o "Grande Judeu" Carvajal, fornecedor de seu exército.

Nesta ocasião, a influência judaica limitou-se a ser financeira e comercial, enquanto as armas de propaganda e mídia eram semi-religiosas, com todos os cromwellianos imersos no judaísmo do Antigo Testamento. Alguns, como o general Harrison, levaram seu judaísmo ao extremo a ponto de promover a adoção da lei mosaica como a lei da Inglaterra e a substituição do sábado pelo Shabat em vez do domingo cristão.

Todos nós estamos familiarizados com as absurdas passagens do Antigo Testamento que os revolucionários adotaram como nomes, como a do Sargento Obadias: "Prenda seus reis com grilhões, e com algemas de ferro, seus nobres".

A revolução de Cromwell durou pouco. O trabalho de destruição não foi suficiente para frustrar a contrarrevolução e a restauração do antigo regime.

Uma segunda revolução, a chamada "Revolução Gloriosa" de 1689, foi necessária. Esta também foi financiada por judeus, principalmente por figuras como: Solomon de Medina, Suasso, Moses Machado e outros.

Com a revolução francesa de 1789, a técnica foi notavelmente melhorada. Sociedades secretas infestaram a França em grande escala nos anos anteriores. Os planos para liquidar o antigo regime eram então mais drásticos. O assassinato judicial de um rei bondoso e bem-intencionado e de alguns nobres foi substituído pelo assassinato em massa nas prisões e casas

particulares de toda a nobreza, clero, aristocracia e burguesia, independentemente do sexo.

Os danos causados por Cromwell e a profanação de algumas igrejas para seu uso temporário como estábulos se transformaram na destruição geral das igrejas cristãs e também sua conversão em banheiros públicos, bordéis e mercados, e a proibição de praticar a religião cristã e até mesmo tocar os sinos das igrejas.

Uma guerra civil não pode se desenvolver. O exército está isolado e o rei é separado sequestrando-o desde o início. O controle secreto em 1789 é tão poderoso que as massas francesas liquidam seus próprios líderes naturais, o que é em si um fenômeno muito estranho e suspeito.

Mais suspeito ainda é o súbito aparecimento de poderosos bandos armados, que marchavam sobre Paris-Lyon a Marselha: e que foram registrados obviamente como estrangeiros. Aqui temos as primeiras formações de mercenários e criminosos estrangeiros, forçando revoluções sobre um país que não é o seu, ideia que seria ampliada e aperfeiçoada nas Brigadas Internacionais que tentaram impor o marxismo na Espanha 150 anos depois.

No século XVII, a Inglaterra não foi desmembrada ou terrivelmente dividida em regiões estranhas, mas todas as fronteiras históricas internas da França do século XVIII foram eliminadas. Os esplêndidos e históricos nomes e títulos de condados, departamentos e famílias foram descartados, e a França foi dividida em praças numeradas ocupadas apenas por "cidadãos". Até os meses do calendário foram alterados. A bandeira nacional da França com seus lírios e suas glórias foi banida. Em seu lugar os franceses receberam o tricolor, distintivo de assassinato e rapinagem. No entanto, este foi o erro dos cérebros da Revolução.

O tricolor pode não ser a honrada e famosa bandeira da França. Pode estar pingando o sangue do massacre, regicídio e vilania. Pode estar fedendo como os criminosos judeus que a projetaram e a impuseram ao povo francês: mas foi proclamada a bandeira nacional e tornou-se a bandeira nacional: e com a bandeira nacional veio um exército nacional e um líder nacional: Napoleão. Não demorou muito para que este grande francês enfrentasse os poderes secretos, que até então controlavam os exércitos da França. Eles haviam planejado usar esses exércitos para revolucionar todos os estados europeus, um após o outro: para derrubar toda a liderança e estabelecer o domínio das massas – aparentemente, pois na verdade, trata-se do domínio deles.

Exatamente da mesma forma, os judeus de hoje planejam usar o Exército Vermelho. Tal política, dirigida por estrangeiros desta espécie, não pode continuar uma vez que um exército nacional entronizou um verdadeiro líder nacional. Sua aparência e suas políticas são diametralmente opostas. Não demorou muito para que o Primeiro Cônsul desafiasse e derrubasse esses estrangeiros e seus fantoches.

Em 1804, Napoleão expôs os judeus e seus planos que ameaçavam a França e restaurou sistematicamente tudo o que a Revolução havia varrido. A partir deste momento, o dinheiro judeu financiou todas as coligações contra ele: e os judeus de hoje ainda se gabam de que foi Rothschild, e não Wellington, quem derrotou Napoleão. Consciente disso, Hitler, ao ocupar Paris, ordenou imediatamente que uma guarda de honra permanente fosse montada sobre o túmulo de Napoleão em Les Invalides: e fez com que o corpo de L'Aiglon (filho de Napoleão com Maria Luísa) fosse trazido da Áustria e finalmente enterrado em seu devido lugar ao lado de seu pai.

Quando passamos a examinar a revolução russa, descobrimos que a técnica ainda é mais ousada e muito mais drástica. Nesta ocasião, nenhuma bandeira nacional, nenhum exército, nenhum

hino foi permitido. Depois que a escória da comunidade aparentemente alcançou o impossível e aniquilou todas as outras classes, incluindo o cúlaque (um homem com três vacas), eles são reunidos em uma força poliglota chamada Exército Vermelho: sobre eles agita uma bandeira vermelha internacional, não uma bandeira russa: seu hino é a Internacional.

A técnica da revolução na Rússia foi tão perfeita que até hoje protege o regime judaico ali estabelecido contra todos os contra-ataques.

A próxima revolução a merecer nossa atenção é a que eclodiu na Espanha em 1936. Felizmente para a Europa, foi frustrada pelo general Franco e um punhado de homens valentes, que imediatamente lutaram contra as forças revolucionárias e conseguiram esmagá-las após uma longa luta.

A conquista é ainda mais louvável em vista do desenvolvimento mais recente da organização revolucionária, que foram as Brigadas Internacionais. Essas Brigadas Internacionais, além de representarem a última novidade da técnica revolucionária, foram uma produção notável. Eles foram recrutados entre criminosos, aventureiros e malandros, a maioria comunistas, de 52 países diferentes, misteriosamente transportados e organizados em formações na Espanha apenas algumas semanas antes do início das hostilidades, uniformizados e com armas com a estrela judaica de cinco pontas. Esta estrela e o símbolo de Salomão foram bordados nos uniformes dos oficiais e das hordas comunistas. Eu mesmo os vi.

Em outubro de 1936, essas Brigadas Internacionais já estavam reunidas em número considerável. Por mais indisciplinados e perversos que fossem, o simples fato de um exército político grande e bem armado, intervindo repentinamente de um lado nos estágios iniciais de uma guerra civil, poderia ter derrubado a balança antes que os elementos patrióticos pudessem se organizar e criar um exército adequado.

Embora o público britânico tenha sido mantido em total ignorância quanto ao verdadeiro significado do que estava acontecendo na Espanha, dois países da Europa estavam atentos à situação. A Alemanha e a Itália experimentaram a amargura da Revolução Comunista e saíram vitoriosas dessa mais repugnante de todas as pragas terrenas.

Eles sabiam quem havia financiado e organizado as Brigadas Internacionais: e com que propósito, Barcelona foi declarada em outubro de 1936 a Capital dos Estados Soviéticos da Europa Ocidental. No momento mais crítico, eles intervieram com força suficiente para combater a Brigada Internacional e permitir que o povo espanhol organizasse seu próprio exército, o que, no devido tempo, resolveu essa questão. O judaísmo internacional havia sido derrotado, mas não descansaria até que pudesse se vingar, até que conseguisse apontar todas as armas do mundo contra esses dois países que, além de frustrar seus planos na Espanha, estavam em vias de instalar um sistema econômico na Europa independente do ouro e da usura, que, se permitido desenvolver, significaria o fim do poder judaico para sempre.

ALEMANHA COLOCA O SINO NO GATO

O alarme soado em 1918 pelo Sr. Oudendyke em sua carta ao Sr. Balfour, denunciando o bolchevismo como um plano judaico, afirmando que se não fosse detido por meio de uma ação conjunta das potências européias, engoliria a Europa e o mundo, não era exagero. No final daquele ano, a bandeira vermelha estava hasteada na maioria das grandes cidades da Europa. Na Hungria, o judeu Bela Kun organizou e manteve por algum tempo uma tirania impiedosa e sangrenta semelhante à da Rússia. Na Alemanha, os judeus Liebknecht, Barth, Scheidemann, Rosa Luxemburgo, etc., fizeram uma tentativa desesperada para tomar o poder. Essas e outras convulsões semelhantes abalaram a Europa, mas cada país conseguiu frustrar os planos à sua maneira.

Na maioria dos países, algumas vozes se levantaram para expor a verdadeira natureza desses males. Apenas em um, no entanto, surgiu um líder e grupo político, que compreendeu plenamente o significado desses acontecimentos e percebeu por trás das turbas de vândalos e criminosos a organização e o poder do judaísmo mundial. Este líder era Adolf Hitler, e seu grupo, o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães.

Nunca antes na história um país não apenas derrotou a revolução organizada, mas descobriu e confrontou os judeus por trás dela. Não devemos nos surpreender do porque todo o tipo de difamação e mentiras tenham sido feitas contra esses homens e seu líder, nem devemos cair no erro de supor que os judeus não poderiam inventar qualquer mentira para impedir que homens honestos investigassem os fatos por si mesmos. Pelo contrário, se alguém valoriza a liberdade e pretende buscar a verdade e defendê-la, tem o dever incontornável de investigar.

Aceitar inquestionavelmente as mentiras e deturpações de uma imprensa controlada pelos judeus é cuspir na verdade. Agir tão levianamente é um pecado contra a luz. No caso da Alemanha e de Hitler a tarefa de pesquisa é muito simples. Muitas autoridades nos dizem que Hitler explica de maneira completa e precisa seus pontos de vista sobre esses assuntos vitais em sua obra Minha Luta. Muitas mentiras foram deliberadamente espalhadas sobre este livro, citando parágrafos fora de contexto, distorcendo a semântica e fazendo-o dizer o que não diz. Tendo lido muito dessa propaganda inescrupulosa, fiquei muito surpreso com o que encontrei quando li o livro por mim mesmo a pouco tempo atrás.

De muitas conversas em que participei, percebi que a maioria das pessoas é tão ignorante quanto eu sobre a verdadeira natureza deste magnífico livro. Proponho, portanto, tentar dar uma visão autêntica de seu propósito e espírito apresentando algumas citações de seus dois temas principais: primeiro, a conscientização e denúncia do plano judaico através do

marxismo mundial e, segundo, a admiração e desejo de amizade com a Grã-Bretanha.

Escrevendo sobre os dias anteriores a 1914, Hitler afirma:

“Eu ainda via o judaísmo como uma religião... não fazia ideia da existência deliberada da hostilidade judaica... aos poucos percebi que a imprensa social-democrata era predominantemente controlada por judeus... não havia um único jornal com o qual os judeus tinham conexões que poderiam ser descritos como genuinamente nacionais... recolhi todos os panfletos social-democratas que pude e procurei os nomes de seus autores: todos eram judeus”.

Ao prosseguir no estudo dessas questões, Hitler começou a perceber a realidade:

“Também fiz um estudo aprofundado da relação entre judaísmo e marxismo... O Estado judeu nunca teve fronteiras em termos de espaço, era ilimitado em termos de espaço, mas bem delimitado por sua concepção de si mesmo como raça. Esse povo, portanto, sempre foi um Estado dentro do Estado... A doutrina judaica do marxismo rejeita o princípio aristocrático existente na natureza... nega o valor do indivíduo entre os homens, combate a importância da nacionalidade e da raça, privando assim a humanidade todo o seu sentido de existência.”

“A democracia no Ocidente hoje é a patrocinadora do marxismo, que seria inconcebível sem a democracia. Se o judeu, com a ajuda do seu credo marxista, conquistar as nações do mundo, sua coroa será a sepultura da raça humana... como é hoje. Ele escreve sobre os dias de 1918, “que, ao me defender contra os judeus, estou fazendo a obra do Senhor.”

No final de 1918 estourou a Revolução na Alemanha, organizada na retaguarda de um exército invicto no campo de batalha. Sobre isso Hitler escreveu:

“Em novembro, os marinheiros chegaram em caminhões e convocaram todos nós à revolta, sendo seus líderes alguns jovens judeus, em uma luta pela “liberdade, beleza e dignidade de nossa vida nacional”. Nenhum deles jamais pôs os pés na frente de batalha.”

“O verdadeiro responsável pela revolução foi o judeu internacional... A revolução não foi feita pelas forças da paz e da ordem, mas através de motim, roubo e pilhagem.”

“Eu estava começando a aprender novamente, e só agora (1919) cheguei a uma compreensão correta dos ensinamentos e intenções do judeu Karl Marx. Só então passei a entender o Capital e também a luta pela social-democracia contra a economia da nação, e que seu objetivo é preparar o terreno para a dominação do capital verdadeiramente internacional”.

“O imperador ofereceu sua mão amiga aos líderes do marxismo... enquanto eles apertavam a mão imperial com uma, ao mesmo tempo eles já seguravam o punhal com a outra mão... Com o judeu não há negociação, é apenas o estrito “ou isso, ou...”

Mais tarde, Hitler dá mais detalhes sobre a máquina de destruição judaica.

“Através dos sindicatos que poderiam estar salvando a nação, o judeu está realmente destruindo a economia nacional.”

“Ao criar uma imprensa que está no nível intelectual dos menos instruídos, a organização política e trabalhista obtém força de coação que lhe permite preparar as camadas mais baixas da nação para os empreendimentos mais perigosos.”

“A imprensa judaica... destrói tudo o que poderia ser chamado de independência, civilização e autonomia econômica da nação. Ela se enfurece especialmente contra aqueles que se recusam a dobrar os joelhos à dominação judaica ou cuja capacidade intelectual é percebida pelos judeus como uma ameaça.”

“A ignorância da massa... e a falta de percepção instintiva de nossa classe alta torna o povo refém da campanha de mentiras judaicas.”

“Mas o presente está trabalhando para sua própria ruína: introduz o sufrágio universal, fala de direitos iguais, não encontra, porém, fundamentos para essa doutrina. Aos seus olhos, o material é a única coisa que recompensa o valor de um homem, destruindo assim as bases da mais nobre igualdade que pode existir.”

“Uma das tarefas do nosso movimento é inaugurar uma era em que o indivíduo receberá o que ele precisa para viver: mas também terá em mente que o homem não vive apenas para o prazer material.”

“A vida política de hoje tem persistentemente dado as costas a este princípio da natureza (ou seja, qualidade)...”

“A civilização humana nada mais é do que o resultado da força criativa da personalidade dentro da comunidade como um todo e especialmente de seus líderes... o princípio da dignidade da maioria está começando a envenenar toda a vida abaixo dela: e, de fato, destruí-la.”

“Vemos agora que o marxismo é a forma enunciada da tentativa judaica de abolir a importância da personalidade em todos os departamentos da vida humana: e colocar em seu lugar uma massa de números.”

“O princípio da decisão pela maioria nem sempre governou o gênero humano: ao contrário, ele só aparece em períodos bastante curtos da história, e esses são sempre períodos de decadência das nações e dos Estados.”

“Não devemos esquecer que o judeu internacional que continua a dominar a Rússia não vê a Alemanha como aliada, mas como um Estado destinado a sofrer o mesmo destino que a Rússia.”

Na última página e praticamente no último parágrafo do Minha Luta está o seguinte:

“O partido como tal defende o cristianismo positivo, mas não se vincula a nenhum credo em particular. Ele combate o espírito materialista judaico dentro e fora de nós mesmos.”

Olhando para o resto do mundo em busca de ajuda em sua batalha contra a ameaça judaica do bolchevismo, a mente de Hitler constantemente se voltava para a Grã-Bretanha e o Império Britânico. Ele sempre quis a amizade dela. Sempre declarou que a Grã-Bretanha era um dos maiores baluartes contra o caos: e que seus interesses e os da Alemanha eram complementares e não contrários um ao outro.

“Não era do interesse da Grã-Bretanha, mas dos judeus, destruir a Alemanha... Mesmo na Inglaterra há uma luta constante entre aqueles que representam os interesses do Estado britânico e aqueles que representam os da ditadura mundial judaica.”

“Enquanto a Inglaterra sangra até a morte mantendo sua posição no mundo, o judeu se vê organizando seus próprios meios de conquista... Então o judeu de hoje é um rebelde na Inglaterra e a luta contra a ameaça judaica global começará lá também.”

“Nenhum sacrifício por uma aliança com a Inglaterra teria sido demais. Mesmo que isso significasse desistir das colônias e da frota marítima e abster-se de competir com a indústria britânica.”

Em anos posteriores, esses dois temas foram expostos incessantemente: a ameaça marxista judaica e a ânsia de amizade com a Grã-Bretanha. Mesmo tão tarde quanto Dunquerque, Hitler continuou pressionando seus principais generais com essa ideia, para espanto dos mesmos. E não foram apenas palavras, como foi demonstrado mais tarde por Liddell Hart, ele salvou o Exército Britânico da aniquilação ordenando que seus panzers parassem, informando seus

generais mais uma vez que para ele o Império Britânico e a Igreja Católica eram os bastiões de paz e da ordem e que precisavam ser protegidos.[6]

Minha Luta foi publicado em outubro de 1933. Antes de sair das impressoras, as comportas do ódio e das mentiras judaicas foram totalmente abertas contra Hitler e o Terceiro Reich em todo o mundo. As pessoas de língua inglesa em todo o mundo foram inundadas com invenções, distorções e histórias de atrocidades, que abafaram as vozes dos poucos que entendiam a situação real.

Na comoção, o slogan de Marx foi esquecido, que dizia que antes do triunfo do bolchevismo, o Império Britânico tinha que ser destruído: em vez disso, as repetidas declarações de Hitler de que ele estava disposto a defender o Império Britânico, se necessário fosse até mesmo por meio de armas, foram totalmente ocultadas.

[6] Liddell Hart: O outro lado da colina, Cap 10.

1933: JUDEIA DECLARA GUERRA À ALEMANHA

A edição inglesa de Minha Luta ainda estava em processo de impressão e publicação quando os judeus declararam guerra ao regime nacional-socialista e iniciaram um intenso bloqueio contra a Alemanha.

A Conferência Internacional de Boicote Judaico foi realizada na Holanda no verão de 1933 sob a presidência do Sr. Samuel Untermeyer, dos EUA, que foi eleito Presidente da Federação Econômica Judaica Mundial, formada para combater a oposição aos judeus na Alemanha. Em seu retorno aos Estados Unidos, o Sr. Untermeyer fez um discurso na estação WABC, cujo texto foi impresso no New York Times de 7 de agosto de 1933, e que tenho bem na minha frente.

O Sr. Untermeyer se referiu nas frases iniciais à "Uma guerra santa pela causa da humanidade na qual estamos engajados": e passou a desenvolver o assunto extensamente, descrevendo os judeus como os aristocratas do mundo. "Todos, judeus e gentios igualmente, que não se alistaram nesta guerra santa devem fazê-lo aqui e agora." Os judeus que não aderiram à causa, foram acusados por ele de: "traidores de sua raça".

Em janeiro de 1934, o Sr. Jabotinsky, o fundador do Sionismo Revisionista, escreveu o seguinte no Natcha Retch:

"A luta contra a Alemanha tem sido travada há meses por todas as comunidades judaicas, conferências, organizações comerciais, por todos os judeus do mundo... vamos desencadear uma guerra espiritual e material de todo o mundo contra a Alemanha."

Esta é talvez a afirmação mais confiante que se baseia na declaração judaica - de acordo com Os Protocolos dos Sábios de Sião - de que eles podem provocar uma guerra. O protocolo número 7 afirma:

"A qualquer oposição, deveremos estar em condições de fazer declarar guerra pelos vizinhos da nação que ousar criar-nos embaraços e, se esses próprios vizinhos se lembrarem de se aliar contra nós, devemos repeli-los por meio de uma guerra geral."

Deve ser lembrado que uma cópia desses Protocolos foi arquivada no Museu Britânico em 1906.

Em 1938, a guerra judaica estava em pleno andamento: e já através de sua influência ou pressão muitas pessoas e grupos gentios estavam sendo arrastados para o olho do furacão. Vários membros do Partido Socialista Britânico defenderam abertamente a adesão a esta guerra fria, e o movimento pró-guerra estava se espalhando pelos partidos sob a liderança de Churchill, Amery, Duff, Cooper e outros. "Hitler não vai querer a guerra, mas será obrigado a aceitá-la, não este ano, mas mais

tarde", bradou o judeu Emil Ludwig na edição de junho de Les Aniles, em 1934.

Em 3 de junho de 1938, mais um passo foi dado por meio de um artigo publicado no American Hebrew, o órgão oficial do judaísmo norte-americano. Este artigo, que começou mostrando que Hitler nunca se desviou de sua doutrina do Minha Luta, passou a sofrer a mais terrível retaliação.

"Tornou-se patente que uma combinação da Grã-Bretanha, França e Rússia mais cedo ou mais tarde impedirá a marcha triunfante (de Hitler)... Seja por desígnio ou por acidente, um judeu alcançou uma posição muito importante em cada um desses países... O destino e a vida de milhões estão nas mãos de não-arianos... Na França, o judeu de destaque é Leon Blum... Leon Blum pode ainda ser o Moisés que vai liderar... Maxim Litvinov, o super-soviético, é o judeu que se senta à direita de Stalin, o soldadinho do comunismo... O importante judeu inglês de destaque é Leslie Hore-Belisha, o novo chefe de Tommy Atkins."

Mais adiante, no mesmo artigo, lemos:

"Pode ser que esses três filhos de Israel formem a aliança que mande o impetuoso ditador nazista para o inferno. E quando a fumaça da batalha se dissipar... o homem que tomou a cruz de Cristo na forma de uma suástica... será enterrado em um buraco... enquanto o trio de não-arianos entoa um réquiem... uma mistura de La Marseillaise, Deus salve a Rainha e a Internacional, misturando-se com uma interpretação orgulhosa e agressiva de Eili Eili."

Dois pontos do excerto acima são dignos de nota. Em primeiro lugar: é dado como certo que esses três judeus não pensarão ou agirão de outra forma a não ser como judeus: e que eles podem ser confiáveis para guiar os tolos gentios à ruína em uma guerra claramente judaica. Segundo lugar: observe a referência à "cruz

de Cristo em forma de suástica" que o judaísmo procura enterrar e que nos revela o ódio judaico ao cristianismo.

Enquanto isso, a pressão judaica foi exercida ao máximo para incitar confrontos entre sudetos, tchecos, poloneses e alemães. Em setembro de 1938, as coisas chegaram a um estado desesperador. O próprio Sr. Chamberlain voou para Munique e fechou o acordo histórico com Hitler. Parecia que o objetivo do judaísmo internacional havia sido frustrado e que a Europa estava salva. Raramente havia cenas e evidências de alegria e gratidão tão espontâneas como foram vistas dessa vez em toda a Grã-Bretanha e na Europa.

Aqueles que conheciam o poder do inimigo, no entanto, sabiam que o trabalho do Sr. Chamberlain certamente seria sabotado. Lembro-me de dizer na mesma noite de seu retorno de Munique que em menos de uma semana todos os jornais do país e belicosos no Parlamento estariam atacando o Sr. Chamberlain por ter assegurado a paz: independentemente do fato de que, ao fazê-lo, desprezavam os reais desejos do povo. Os fatos provaram que essa previsão estava correta.

Em nenhum lugar a fúria judaica foi maior do que em Moscou. Tenho diante de mim um folheto de minha autoria, de outubro de 1938. Que diz:

"Você sabia que uma efígie do Sr. Chamberlain foi queimada em Moscou assim que se soube que ele havia alcançado um acordo de paz? Isso nos mostra claramente quem é que quer a guerra e quem continuará trabalhando incansavelmente para provocar conflitos em todo o mundo." [7]

Tendo fracassado a tentativa de provocar uma guerra sobre os Sudetos e a Tchecoslováquia, a única outra tentativa que restava era o Corredor Polonês, aquela monstruosidade nascida da profana Conferência de Versalhes e denunciada por homens honestos do Marechal Foch e Arthur Henderson.

Aqueles que têm o poder de esconder as coisas do público mantiveram em segredo uma matéria muito importante da Conferência de Versalhes, que foi onde todas as decisões importantes foram tomadas pelos “quatro grandes”: Inglaterra, França, Itália e EUA, representados respectivamente pelo Sr. Lloyd George, M. Clemenceau, Barão Sonnino e Presidente Wilson. Isso é o que aparentemente se sabe. O que não se sabe é que o secretário do Sr. Lloyd George era o judeu Sassoon, o de M. Clemenceau era o judeu Mandel Rothschild (agora conhecido como Mandel), o próprio Barão Sonnino era judeu, e o presidente Wilson tinha o judeu Brandeis, o intérprete era outro judeu chamado Mantoux e o Conselheiro Militar era outro judeu chamado Kish.

É bem sabido que o Sr. Lloyd George e os outros não deram muita atenção à geografia. Por outro lado, seus secretários judeus não tiraram o dedo da linha sobre esse assunto. Esses judeus se reuniam todas as noites às 18h e desenhavam em um mapa as decisões que os “quatro grandes” tomariam no dia seguinte.

Os resultados foram desastrosos do ponto de vista das pessoas decentes, que esperavam um tratado honroso, com termos que, embora fossem rígidos, fossem pelo menos justos e, assim, assegurassem uma paz duradoura.

O próprio Foch denunciou em voz alta o tratado, declarando que continha o germe de uma nova guerra e abominando particularmente a questão de Danzig e do famoso Corredor. Arthur Henderson e muitos homens públicos juntaram-se à denúncia, mas sem sucesso.

[7] Veja o Apêndice 4.

Do ponto de vista dos homens planejando outra guerra, porém, nada poderia ter sido melhor do que este tratado. Este continha todos os tipos de injustiças. Além do Corredor e da posse de Danzig, foi criado um Estado bastardo no qual alemães,

eslovacos, etc., formando a maioria do país, foram colocados sob o controle tirânico da minoria tcheca, elemento que havia se juntado aos judeus bolcheviques e lutado contra os Aliados em 1918.

O desenho desse Estado era geograficamente tal que era perfeitamente estilizado na forma de uma adaga apontada diretamente para o coração da Alemanha. Recebeu o nome estranho de Tchecoslováquia. Toda a vida industrial do enorme arsenal Skoda para baixo era controlada por interesses bancários judeus: e temos o testemunho de Lord Winterton de que praticamente toda a terra foi hipotecada a judeus (Hansard, outubro de 1936). Escravizados sob essa dominação messiânica estavam enormes setores de populações pertencentes a outros países, condenados a serem submetidos à força até que algum país fosse forte o suficiente para ajudá-los.

Essa eventualidade, na minha opinião, não foi apenas premeditada, mas todos os meios foram colocados em prática para que isso acontecesse, concedendo enormes empréstimos à Alemanha.[8] Não se esqueça que enquanto os banqueiros judeus despejavam dinheiro na Alemanha, que estava reconstruindo a Wehrmacht em maior escala do que nunca, uma colossal campanha pela paz e desarmamento foi lançada neste país. Isso não apenas nos desarmou, mas também criou uma atmosfera na qual o Sr. Baldwin teve que admitir que não ousava ir ao país pedir mais armamentos, embora ele soubesse que eram vitais para nossas forças marítimas, aéreas e terrestres.

Qualquer um que tenha estudado como eu tenho as personalidades e poderes por trás dessa chamada propaganda antiguerra não pode ter dúvidas sobre seu verdadeiro propósito e financiamento. Para quem observou a atitude da imprensa na época, e percebeu que, se essa propaganda de desarmamento fosse desagradável para aqueles que influenciam nossos serviços de publicidade, teria explodido uma torrente de injúrias

contra nossos “pacifistas”: isso é mais uma prova que esta campanha teve o apoio do judaísmo internacional, assim como o rearmamento da Alemanha. Mas por quê? perguntarão.

[8] Todos eles, é claro, anteriores a Hitler.

A resposta é muito simples quando o propósito por trás do plano judaico é compreendido. “Da última guerra nasceram os Estados soviéticos da Rússia, da próxima nascerão os Estados soviéticos da Europa”, havia sido o pronunciamento de uma reunião internacional dos partidos comunistas por volta de 1932.

Para tornar possível a próxima guerra, portanto, era necessário mais uma vez equilibrar as potências, fortalecer a Alemanha e enfraquecer a Grã-Bretanha. Então os europeus poderão lutar entre si até a morte. Uma surpresa dramática está reservada para ambos os lados. Nenhum é o verdadeiro vencedor.

O verdadeiro vencedor é um exército muito diferente. Este exército é o que vai chamar a atenção. Durante 25 anos será construído em condições de maior sigilo. Seus líderes não mostrarão sua força até que o conflito esteja em andamento. Somente em um momento crítico da guerra os exércitos europeus poderão descobrir a existência das enormes fábricas além dos Urais, ou das proporções colossais das hordas altamente mecanizadas que iniciarão a invasão da Europa sob a bandeira vermelha do marxismo.

Em março de 1939, uma garantia britânica à Polônia foi dada pelo Sr. Chamberlain com base em um relatório falso de que um ultimato de 48 horas havia sido dado pela Alemanha à Polônia. Este relatório na verdade era falso. No entanto, a garantia já havia sido dada e a decisão de paz ou guerra não estava mais nas mãos da Inglaterra. O judaísmo era o dono da vez. Podemos duvidar que a Polônia foi incitada a ignorar o memorando alemão de março contendo propostas altamente razoáveis para uma solução pacífica para o problema do Corredor?

Meses se passaram e nenhuma resposta foi dada pela Polônia à nota alemã. Enquanto isso, todos os tipos de insultos e abusos aconteciam com uma frequência suspeita na fronteira germano-polonesa, uma técnica semelhante à que os judeus mais tarde apresentariam aos britânicos na Palestina. Dia após dia, o público britânico foi alimentado com propaganda de guerra e deturpações da situação. Por fim, suas mentes se fecharam contra todas as demandas por justiça por meio de um novo slogan: "Não se pode confiar na palavra de Hitler". Com esta mentira, o público britânico foi condicionado a jogar fora toda a razão e bom senso, acreditando em toda a propaganda de guerra na imprensa.

Este slogan foi baseado em uma deturpação da palavra de Hitler dada em mais de uma ocasião após um "putsch" como o que ocorreu nos Sudetos, de que ele "não pretendia fazer mais exigências". A deturpação estava no fato de que a imprensa constantemente omitia o fator principal, de que as "exigências" às quais Hitler se referia eram, àquelas 5 áreas de esmagadora maioria alemã que haviam sido tomadas da Alemanha pelo ditame de Versalhes: os Sudetos, parte da Tchecoslováquia, partes da Polônia, o Corredor e Danzig.

Como as tropas alemãs ocuparam sucessivamente cada uma dessas áreas, acho justo dizer, com base nisso, que por isso Hitler declarou que não tinha mais exigências a fazer. Mas deve ficar bem claro, com toda a justiça, que ele nunca disse que isso implicava reduzir as demandas que ele havia delineado com muita clareza originalmente e repetido em muitas ocasiões, a saber, as cinco áreas em questão.

Quando Hitler disse que não tinha mais exigências, o público britânico foi enganado pela imprensa a acreditar que Hitler nunca havia declarado quais eram todas as suas exigências, algumas das quais ainda não foram cumpridas. Eles foram levados a acreditar que Hitler nunca teve outras exigências, ou que ele abandonou o resto assim que obteve algumas delas.

Portanto, quando o próximo capítulo foi acrescentado, a imprensa construiu sobre esse mal-entendido a falácia de que a palavra de Hitler não era confiável. Para lidar com esta situação honestamente, não devemos cair nesta armadilha, necessária apenas para aqueles que desejam atiçar o fogo das causas injustas. Felizmente, temos o julgamento sereno e desapaixonado de ninguém menos que o Lord Lothian, o recente embaixador britânico nos EUA. Em seu último discurso na Chatham House sobre este assunto, ele enfatizou:

"Se o princípio da autodeterminação também tivesse sido aplicado em favor da Alemanha e, não contra ela, como foi aplicado, os Sudetos, a Tchecoslováquia, partes da Polônia, o Corredor Polonês e Danzig teriam retornado ao Reich."

Esta é uma interpretação do caso diametralmente diferente daquela dada ao público britânico em 1939 – e é a interpretação correta. Não é de se surpreender do porque esses fatos são escondidos do cidadão comum.

Se o público britânico tivesse percebido a verdade, que cada uma dessas exigências de Hitler se baseava na justiça razoável, o povo desta ilha nunca teria aceitado a guerra: e o único objetivo do judaísmo internacional não era a verdade, nem a justiça, mas a guerra.

O BOMBARDEIO CONTRA CIVIS PÕE FIM A "GUERRA DE MENTIRA"

Embora um estado de guerra tenha sido declarado entre a Grã-Bretanha e a Alemanha em setembro de 1939, logo ficou muito óbvio que nenhuma guerra estava sendo conduzida pela Alemanha contra este país. Isso não era surpresa para aqueles que conheciam bem todos os fatos. Hitler deixou muito claro várias vezes que não pretendia atacar ou prejudicar a Grã-Bretanha ou o Império Britânico de forma alguma. Com a Linha Siegfried bem mantida e sem a intenção alemã de entrar a

oeste dela, “A Guerra de Mentira”, como passou a ser chamada, estava paralisada e assim teria permanecido se o bombardeio de populações civis não tivesse começado. Ninguém foi mais rápido em perceber isso do que os vigaristas pró-judeus: que, com seus amigos dentro e fora da Câmara dos Comuns, logo começaram a pressionar para que esse tipo de bombardeio contra a Alemanha começasse.

Em 14 de janeiro de 1940, o Sunday Times deu destaque a uma carta de um correspondente anônimo, que exigia saber por que não estávamos usando nosso poder aéreo “para aumentar o efeito do bloqueio”. Um “Escrutador”, na mesma edição, comentou sobre esta carta da seguinte forma:

“Tal extensão da ofensa inevitavelmente levará a uma concorrência terrível. Isso pode levar a retaliação contra nós, à qual, por sua vez, devemos ser capazes de responder com nossa respectiva retaliação. O bombardeio de cidades industriais, com sua perda inevitável de vida entre a população civil - e isso seria o que aconteceria - seria contrário ao espírito, das promessas feitas por ambos os lados no início da guerra”.

A citação acima foi tirada de um livro intitulado Bombing Vindicated , que foi publicado em 1944 pelo Sr. J.M. Spaight, CB, CBE, que foi o principal secretário adjunto do Ministério da Aeronáutica durante a guerra. Como o próprio título revela, o livro foi uma tentativa de justificar o uso indiscriminado de bombardeios contra a população civil. Nele, o Sr. Spaight se gaba de que essa forma de bombardeio “salvou a civilização”: e revela um fato surpreendente de que foi a Grã-Bretanha que iniciou essa forma implacável de guerra na mesma noite do dia em que o Sr. Churchill se tornou primeiro-ministro, em 10 de maio, 1940.

Na página 64 deste livro, o Sr. Spaight nos dá mais informações, o que torna essa mudança repentina na política britânica ainda mais surpreendente: pois ele afirma que uma declaração foi feita pelos governos britânico e francês em 2 de setembro de

1939, de que “apenas alvos estritamente militares no sentido mais estrito da palavra seriam bombardeados”.

Esta declaração, é claro, foi feita nos dias do primeiro mandato do Sr. Chamberlain: e talvez nenhum outro fato pudesse exemplificar melhor para nós a diferença entre seu caráter e comportamento em comparação com o do Sr. Churchill.

Em 27 de janeiro de 1940, treze dias após a carta no Sunday Times já citada, o Daily Mail endossou editorialmente as mesmas opiniões expressas naquela edição feita por um “Escrutador”: e dedicou um artigo principal, escreve o Sr. Spaight, a combater a sugestão do Sr. Amery e outros de que deveríamos começar o bombardeio da Alemanha. Sir Duff Cooper havia escrito no mesmo jornal um dia antes que “parece que existe algum tipo de acordo não escrito entre os dois beligerantes de que eles não devem bombardear um ao outro”.

Tendo em vista a declaração da Grã-Bretanha e da França de 2 de setembro de 1939, de que “apenas bombardeariam objetivos militares no sentido mais estrito da palavra”, a expressão de Sir Duff Cooper sobre “uma espécie de acordo não escrito” me parece bastante obscurantista. se bem que honesta.

Dentro da Câmara dos Comuns, os vigaristas pró-judeus estavam se tornando cada vez mais intransigentes: e cada vez mais empenhados em sabotar as chances de transformar a “Guerra de Mentira” em uma paz negociada. Incluindo o fato de que a Grã-Bretanha não tinha nada a ganhar e, sim, tudo a perder com uma guerra total. Os judeus, é claro, tinham tudo a perder com uma paz que deixou intacto o sistema monetário alemão livre do ouro e seu governo livre de judeus.

A cada dia parecia mais claro para mim que essa luta pela questão dos bombardeios civis era o cerne de toda a questão: e que somente por esse método de guerra os judeus e seus aliados poderiam cortar o nó górdio do impasse que leva à paz:

e provavelmente mais tarde a uma aliança contra o bolchevismo judaico na Rússia.

Portanto, em 15 de fevereiro de 1940, enviei a seguinte pergunta ao primeiro-ministro:

“Se pode assegurar perante a Câmara que o Governo de Sua Majestade não vai acatar as sugestões que lhe são feitas para abandonar os princípios que o levaram a denunciar o bombardeamento de populações civis na Espanha e em outros lugares, para embarcar em tal política?”

O próprio Sr. Chamberlain respondeu em termos francos:

“Não tenho conhecimento das sugestões a que meu honorável e galante amigo se refere. A política do Governo de Sua Majestade a este respeito foi totalmente delineada por mim em resposta a uma pergunta do Excelentíssimo Representante do Bispo Auckland (Sr. Dalton) em 14 de setembro passado. Dentro dessa resposta, eu disse que não importa o que outras nações façam, o governo de Sua Majestade nunca recorrerá ao ataque deliberado contra mulheres, crianças e outros civis para fins terroristas. Não tenho nada a acrescentar a este respeito.”

Tanto essa pergunta quanto a resposta eram evidentemente desagradáveis ao extremo para os vigaristas, então resolvi levar o assunto um pouco mais adiante. No dia 21 de fevereiro fiz outra pergunta sobre o assunto. O Capitão Ramsay perguntou ao primeiro-ministro:

“Se ele está ciente de que os aviões soviéticos estão realizando uma campanha de bombardeio de populações civis e se o governo de Sua Majestade protestou da mesma forma que foi feito em circunstâncias semelhantes durante a Guerra Civil Espanhola?”

O Sr. Butler respondeu em nome do Primeiro Ministro:

“Sim, senhor. As Forças Aéreas Soviéticas seguiram uma política de bombardeio indiscriminado, que deve ser

absolutamente condenada. No entanto, o governo de Sua Majestade não fez nenhum protesto, pois não vê como tal ação pode alcançar o resultado desejado."

Não há dúvidas de que essas duas respostas fizeram com que os vigaristas se livrassem o quanto antes do primeiro-ministro, cuja lealdade a uma política justa e humana inevitavelmente frustraria seus planos, visto que Hitler não queria a guerra contra a Inglaterra e portanto, não era ele o responsável por iniciar o bombardeio de civis.

A máquina de intriga e rebelião contra o Sr. Chamberlain começou a funcionar. No final, ele foi culpado pelo fracasso na Noruega e, sob esse pretexto, os socialistas da Igreja levaram à sua queda.

Deve ser lembrado, no entanto, que antes e durante o caso da Noruega, o Sr. Churchill foi investido de plenos poderes e responsabilidades para todas as operações militares navais e aéreas e, portanto, se alguém merecia ser deposto por aquele segundo Gallipoli, era ele.

No entanto, ele não apenas não foi deposto, mas foi saudado como o novo primeiro-ministro. O homem que quebraria a promessa britânica de 2 de setembro de 1939 e iniciaria o bombardeio de civis alemães era o homem dos vigaristas, que agora governavam situação.

E assim os bombardeios civis começaram na noite em que o arquiteto do fiasco norueguês se tornou primeiro-ministro, em 10 de maio de 1940.

DUNQUERQUE E DEPOIS DE DUNQUERQUE

O eminente crítico militar, Capitão Liddell Hart escreveu um livro sobre os eventos militares de 1939-45, que foi publicado em 1948, intitulado: The Other Side of the Hill. O capítulo 10, que trata da invasão alemã da França até os dias de Dunquerque, traz um título sugestivo: "Como Hitler derrotou a

França e salvou a Inglaterra". O conteúdo do capítulo surpreenderá ainda mais as pessoas cegas pela propaganda, do que o título: pois o autor prova não só que Hitler salvou este país, mas que isso não se deveu a nenhum fator imprevisto, nem à sua indecisão ou estupidez, mas sim era um propósito baseado em seu princípio tantas vezes declarado e fielmente mantido.

Depois de dar detalhes de como Hitler parou abruptamente as divisões panzer em 22 de maio e as manteve inativas por alguns dias vitais, até que, de fato, as tropas britânicas conseguissem sair de Dunquerque, o Capitão Liddell Hart cita um telegrama De Hitler a Von Kleist:

"As divisões blindadas devem ficar dentro do alcance médio da artilharia de Dunquerque. A permissão é concedida apenas para movimentos de reconhecimento e proteção."

O autor nos explica que Von Kleist decidiu ignorar essa ordem. Vamos citá-lo mais uma vez, citando o general por sua vez:

"Depois veio uma ordem mais enfática, para que eu me retirasse para trás do canal. Meus tanques ficaram parados ali por três dias."

Nas seguintes palavras o autor relata uma conversa ocorrida em 24 de maio (dois dias depois) entre Hitler e o marechal Von Rundstedt, além de outros dois homens-chave de sua equipe:

"Então, surpreendentemente, ele começou a nos falar com grande admiração sobre o Império Britânico, a necessidade de sua existência, bem como a civilização que a Inglaterra havia trazido ao mundo... Ele comparou o Império Britânico com a Igreja Católica - dizendo que ambos eram essenciais para a estabilidade mundial. Ele disse que tudo o que ele queria da Inglaterra era que ela reconhecesse a posição alemã dentro do continente. O retorno das colônias alemãs era desejável, mas não essencial, e ele até estaria disposto a apoiar a Inglaterra com tropas se ela estivesse em apuros. Ele concluiu dizendo

que seu objetivo era fazer a paz com a Grã-Bretanha em uma base consistente com a honra britânica.”

O Capitão Liddell Hart comenta o que foi dito acima:

“Se o exército britânico tivesse sido capturado em Dunquerque, o povo britânico poderia ter sentido que sua honra foi manchada e que, portanto, teria de ser limpa. Ao deixá-lo escapar, Hitler esperava se reconciliar com ele.”

“Essa convicção de Hitler foi confirmada por sua estranha procrastinação sobre os planos subsequentes para a invasão da Inglaterra.”

“Ele mostrou muito pouco interesse nesses planos”, diz Blumentritt, “e não fez nenhum esforço para acelerar sua preparação. Isso era completamente diferente de seu comportamento habitual. Antes da invasão da Polônia, França e da Rússia mais tarde, ele estava continuamente os apressando, mas desta vez ele ficou de fora.”

O autor continua:

“Uma vez que o relato de sua conversa em Charleville, e a subsequente retenção, vem de uma seção dos generais, que há muito desconfiavam da política de Hitler, isso torna seu testemunho ainda mais notável.”

E mais adiante ele diz:

Significativamente, o relato deles sobre os pensamentos de Hitler sobre a Inglaterra na hora decisiva antes de Dunquerque se encaixa e muito com o que ele proprio escreveu em sua obra: Minha Luta e, é notável como Hitler seguiu sua própria “Bíblia” em outros aspectos.

Qualquer um que tenha lido Minha Luta apreciará imediatamente a veracidade da declaração acima. Como já disse antes, ao longo do livro há dois temas principais: um é a delimitação detalhada e a denúncia da máquina capitalista

revolucionária judaica e o outro é a admiração e desejo de ser amigo da Inglaterra e de seu Império.

É realmente uma pena que tão poucas pessoas nesta ilha tenham lido este livro por si mesmas, e é uma tragédia que, em vez disso, tenham engolido totalmente as mentiras de propaganda que lhes são servidas sobre este assunto pela máquina de publicidade judaica operando através de nossa imprensa e rádio.

Gostaria que essas pessoas tentassem obter uma cópia do livro: e quando descobrirem que não podem, que reflitam, que se de fato seu conteúdo confirmasse as mentiras que foram contadas sobre ele e seu autor, os poderes por trás de nossa publicidade garantiriam que todos pudessem obter uma cópia ao menor preço possível.

De qualquer forma, exorto meus compatriotas a refletirem verdadeiramente sobre os seguintes fatos:

1. O judeu Karl Marx escreveu que o bolchevismo nunca poderia ter sucesso até que o Império Britânico fosse completamente destruído.

2. Hitler declarou que o Império Britânico era um elemento essencial de estabilidade no mundo: e até se declarou pronto para defendê-lo com tropas, se ele estivesse envolvido em dificuldades em qualquer lugar do mundo.

Através de uma propaganda sem escrúpulos em uma escala sem precedentes na história, este país foi levado a destruir aqueles que desejavam ser seus amigos e até ofereceram suas vidas para defendê-lo: ao mesmo tempo em que exaltava aqueles que proclamavam que nossa destruição é necessária para que sua ideologia triunfe, comprometendo nosso Império e nossa independência econômica.

CONSTRUINDO O FUTURO

Se a recém-descoberta preocupação de Hitler em preservar o Império Britânico pegou muitas pessoas neste país de surpresa, certamente será um choque para elas saber que o presidente Roosevelt era nosso grande inimigo. Não só porque era um pró-comunista de origem judaica, mas porque antes de trazer os EUA para a guerra deixou bem claro que queria desmembrar o Império Britânico.

Seu filho, o coronel Elliott Roosevelt, explica isso perfeitamente em seu livro As He Saw It, publicado recentemente nos Estados Unidos.

Nas páginas 19-28, o Coronel Roosevelt nos conta que em agosto de 1941 seu pai, tendo dito ao povo americano que estava saindo de férias para pescar, encontrou-se com o Sr. Churchill a bordo de um navio de guerra na Baía de Argentia. Lord Beaverbrook, Sir Edward Cadogan, Lord Cherwell (Professor Lindemann, de etnia e nacionalidade duvidosas) e Mr. Averell Harriman também estiveram presentes. Na página 35, ele cita seu pai dizendo:

"Depois da guerra... terá de haver a maior liberdade de comércio possível... sem barreiras artificiais." O Sr. Churchill se referiu aos Acordos de Comércio do Império Britânico, e o Sr. Roosevelt respondeu: "Sim. Esses Acordos de Comércio do Império são um exemplo. É por causa desses tratados que os povos da Índia, da África e de todo o Oriente Próximo colonial são ainda tão retrógrados... não posso acreditar que possamos lutar uma guerra contra a escravidão fascista e, ao mesmo tempo, não trabalhar para libertar pessoas em todo o mundo de uma política colonial retrógrada." "A paz", disse meu pai com firmeza, "não pode incluir qualquer despotismo continuado."

Essa conversa insolente contra o Império Britânico tornou-se tão pronunciada que na página 31 o Coronel Roosevelt relata que o Sr. Churchill disse:

“Sr. Presidente, acredito que você está tentando acabar com o Império Britânico.” E com razão, já que o presidente acabara de falar da Índia, Birmânia, Egito, Palestina, Indochina, Indonésia e todas as colônias africanas, argumentando que deveriam ser “libertadas”.

Na página 115 o Coronel cita seu pai:

“Não pense nem por um momento, Elliot, que os americanos estariam morrendo no Pacífico esta noite se não fosse pela ganância míope dos franceses, britânicos e holandeses. Devemos permitir que eles façam tudo isso? mais uma vez?”

Essas não foram, no entanto, as razões dadas para a guerra e pelas quais os americanos pensavam que estavam morrendo: nem o presidente fez qualquer referência aos pretextos que havia dito a seus compatriotas para declarar guerra.

Os britânicos, que estavam morrendo em número muito maior, foram informados de que estavam morrendo para defender seu Império dos planos perversos de Hitler. Mal eles suspeitavam, que era seu suposto aliado que planejava sua destruição.

Na página 116 ele cita novamente o presidente:

“Quando vencermos a guerra”, estarei atento para que os EUA não sejam arrastados para nenhum plano que ajude o Império Britânico em suas ambições imperialistas.”

E algumas páginas depois:

“Tentei deixar bem claro para Winston e os outros... que eles não pensem que viemos apenas para ajudá-los a manter às suas ideias imperialistas arcaicas e medievais.”

Quem janta com o diabo precisa de uma colher bem comprida. O Sr. Churchill, o arquiteto constante do futuro judaico, viu-se apoiando um novo arquiteto tão eminente: que nem sequer fingiu respeitar o Império Britânico. O Moisés anterior, Karl Marx, havia denunciado o Império há muito tempo e, no ano de

1941, os oponentes do judaísmo e do marxismo eram vistos apenas como tolos, como por exemplo Hitler, que na verdade, queriam defender o Império, reconhecendo nele um bastião da civilização cristã.

Embora, como vimos, o Sr. Churchill se mostre um pouco petulante, neste livro, com os pronunciamentos do presidente em favor da liquidação do Império Britânico, isso não o impediu de se anunciar mais tarde à Câmara dos Comuns como "o fervoroso tenente de Roosevelt". Sob que circunstâncias especiais o primeiro-ministro do Rei poderia ser um fervoroso tenente de um presidente republicano, cujo plano era destruir o Império daquele monarca. Em outra ocasião, o Sr. Churchill fez outra declaração igualmente estranha: "Não faz parte dos meus deveres", assegurou ele à Câmara dos Comuns, "presidir a liquidação do Império Britânico".

Claro que não! Tampouco era seu dever proclamar-se o fervoroso tenente daquele que falava em liquidá-lo. Tampouco - acrescentaremos - era seu dever quando servia como Ministro da Defesa, como tenente de Chamberlain - embora aparentemente não muito fervoroso - corresponder-se da maneira que fez com o presidente Roosevelt por meio do código ultra-secreto do Ministério das Relações Exteriores americano.

O PAPEL DO PRESIDENTE ROOSEVELT

Na minha declaração ao Presidente e aos membros da Câmara dos Comuns sobre a minha detenção (ver Apêndice 1) resumi no final da primeira parte as considerações que me levaram a inspecionar os documentos secretos da Embaixada dos EUA nas últimas semanas de governo do Sr. Chamberlain.

As duas primeiras considerações – de seis no total – foram as seguintes:

1. Juntamente com muitos membros de ambas as Câmaras do Parlamento, eu estava plenamente ciente de que entre as agências tanto aqui como no exterior, que estiveram ativamente engajadas em promover o mal-estar entre a Grã-Bretanha e a Alemanha, o judaísmo internacional, por razões óbvias, desempenhou um papel de liderança.

2. Eu sabia que os Estados Unidos eram a sede do judaísmo e, portanto, seu verdadeiro centro de atividades.

Não foi até 1948 que evidências corroborantes chegaram às minhas mãos de fontes americanas em primeira mão. Quando isso aconteceu, esse trabalho autêntico e perfeitamente documentado ficou muito claro. Estou me referindo ao livro do professor Charles Beard intitulado President Roosevelt and the Coming of War, 1941, que foi publicado pela Yale University Press em abril de 1948.

Este livro, com todo o peso da autoridade de seu eminente autor, é nada menos que uma tremenda acusação ao presidente Roosevelt em três questões principais.

Primeiro, porque foi reeleito com base em repetidas promessas de que manteria os EUA fora de qualquer guerra européia: segundo, porque ele traiu de forma implacável e flagrante não apenas suas promessas ao povo americano, mas todas as leis de neutralidade: terceiro, porque em um determinado momento foi ele quem transformou essa guerra fria - que ele estava comandando - em uma guerra total, enviando aos japoneses um ultimato que ninguém sabia que resultaria em uma guerra imediata.

Das muitas provas sobre o primeiro assunto, cito o seguinte:

Em Boston, em 30 de outubro de 1940, ele (FDR) foi ainda mais enfático, declarando: “Eu já disse isso antes, mas direi de novo e de novo: seus filhos não serão enviados para lutar em guerras estrangeiras”: e em 29 de dezembro: “Portanto, você pode

considerar qualquer boato de envio de exércitos para a Europa como deliberadamente falso."

O professor Beard prova mais tarde que, enquanto o Sr. Roosevelt fazia esses discursos, ele estava violando flagrantemente todas as leis internacionais de neutralidade e apenas para beneficiar aqueles que estavam travando a batalha do judaísmo. As duas principais formas de intervenção foram o envio de comboios de navios americanos com munições e suprimentos para os aliados e a lei Lend Lease.

Qualquer que seja nossa posição sobre a ajuda dos EUA por meio dessas duas decisões do Sr. Roosevelt, ninguém pode negar que elas contradiziam suas promessas ao povo americano, bem como os fundamentos do direito internacional em relação à neutralidade.

O congresso falou muito claramente sobre essas ações do presidente. O representante U. Burdick de Dakota do Norte disse:

"Toda a nossa ajuda para a Inglaterra pode significar qualquer coisa... vender suprimentos é uma coisa... vender suprimentos e enviá-los em nossos comboios é outra coisa, estar oficialmente envolvido na guerra é em último caso, uma consequência inevitável da primeira."

O representante Hugh Paterson da Geórgia declarou:

"É uma medida agressiva de guerra."

O representante Dewey Short, do Missouri, disse:

"Você não pode estar metade na guerra e metade fora da guerra... você pode disfarçar essa medida como quiser (a lei Lend Lease), você pode perfumar e maquiar o quanto quiser... mas ainda está podre e seu fedor atinge o céu."

O representante Philip Bennett, do Missouri, declarou:

“Esta conclusão é inevitável: o presidente acolhe a intervenção militar ativa se tal intervenção fosse necessária para derrotar o Eixo. Mas o presidente diz que não vai mandar nossos rapazes para o exterior para lutar. Absurdo, senhor presidente. Estão sendo construídos lugares para eles em nossos navios de transporte. E as etiquetas para identificação de mortos e feridos estão sendo impressas pela firma William C. Ballantyne and Co., em Washington.”

O professor Beard prova extensivamente o terceiro ponto, mostrando como no momento certo o presidente Roosevelt forçou os japoneses à guerra ao emitir um ultimato que exigia o cumprimento imediato de certos termos que nunca teriam sido aceitos por nenhum país.

“O memorando que o senador Hull, com a aprovação do presidente Roosevelt, entregou ao Japão em 26 de novembro de 1941... equivalia às exigências máximas de uma política americana para todo o Oriente.”

O professor Beard, continua:

“Não era necessário nenhum conhecimento profundo da história, instituições e psicologia japonesas para garantir... que nenhum liberal ou reacionário do Gabinete japonês aceitaria tais condições.”

“O agente japonês considerou o memorando americano como uma espécie de ultimato. Isso pelo menos foi o que o secretário Hull soube em 26 de novembro.”

Esse foi o período de máxima intervenção antes da entrada oficial na guerra, quando Roosevelt começou a enviar rapazes americanos ao exterior “aparentemente” sem ter quebrado o espírito de suas incontáveis promessas.

À medida que a guerra avançava, a verdadeira política e simpatias do presidente foram reveladas. Sua traição à

Inglaterra e seus aliados foi tão flagrante quanto sua traição ao próprio povo americano.

Como o professor Beard aponta na página 576:

“Os nobres princípios das Quatro Liberdades e da Carta do Atlântico foram ignorados para fins práticos nos acordos que acompanharam o desenvolvimento e que se seguiram ao fim da guerra. Para comprovar esta afirmação basta ver o tratamento dado aos povos da Estônia, Lituânia, Polônia, Romênia, Iugoslávia, China, Indochina, Indonésia, Itália, Alemanha e outros lugares da Terra.”

Alguma força extraordinária estava orientando o presidente dos Estados Unidos em suas ações. Vimos em um capítulo anterior que não foi a preservação do Império Britânico, do Império Francês ou do Império Holandês que motivou o Presidente. Pelo contrário, ele logo avisou seu fervoroso tenente Churchill que eles seriam liquidados. Não foi a Europa, nem os países europeus, nem suas liberdades ou direitos, segundo a Carta do Atlântico ou as Quatro Liberdades, que o comoveram. Sabemos agora que os exércitos britânico e americano foram detidos pelo general Ike Eisenhower sob as decisões do Sr. Roosevelt na Conferência de Yalta, para que o Exército Vermelho do bolchevismo judaico pudesse invadir metade da Europa e ocupar Berlim.

Citemos novamente o professor Beard:

“Como consequência de uma guerra chamada necessária para derrubar o despotismo de Hitler, surgiu um despotismo ainda mais poderoso.”

Em conclusão, o professor Beard resume muitas das acusações contra o presidente em 12 questões principais e afirma:

“Se esses fatos ficarem impunes e sem sanção pela Administração de Assuntos Norte-Americanos, então a Constituição pode ser anulada pelo presidente e pelos

funcionários que juraram respeitá-la. Em vez de um governo limitado sob uma lei suprema, eles instituíram um governo pessoal e arbitrário – supostamente o primeiro princípio do sistema totalitário contra o qual estamos lutando – ao mesmo tempo em que defendem da boca para fora o princípio do governo constitucional".

Quando refletimos sobre o conteúdo surpreendente do livro do professor Beard e o consideramos em conjunto com as revelações do livro As He Saw It, do coronel Roosevelt, surge a pergunta: de quem são os interesses que o presidente Roosevelt nunca traiu? Só consigo pensar em uma resposta: daqueles que desde o início planejaram usar o arsenal e o exército dos EUA em uma guerra que aniquilaria a Europa que havia se libertado do ouro e do controle revolucionário judaico: pessoas que planejavam dissolver o Império Britânico, aprisionando-o com cadeias de dívidas impagáveis e permitindo aos soviéticos, "dominarem a Europa como um colosso" [9], em outras palavras, refiro-me ao judaísmo internacional.

[9] Essas foram precisamente as palavras usadas pelo general Smuts, que acrescentou outras pelas quais expressou sua aprovação desse fato. Deve ser lembrado que o general Smuts era o principal consultor jurídico da organização sionista na África do Sul.

O REGULAMENTO 18B

Em 23 de maio de 1940, na primeira noite do governo de Churchill, muitos súditos britânicos, a grande maioria dos quais eram funcionários públicos, foram subitamente presos e jogados na prisão sob o regulamento 18B. Por alguns dias, toda a imprensa vinha realizando uma crescente campanha contra uma suposta quinta-coluna neste país, que diziam apoiar os alemães quando eles desembarcassem.

O quão mentirosa foi esta campanha, é provado pelo fato de que nosso competente Serviço de Inteligência foi incapaz de

fornecer a menor evidência de qualquer conspiração, ou de qualquer plano ou ordem, ou da cumplicidade de qualquer um dos homens que foram presos. Se essas provas tivessem sido apresentadas, os envolvidos teriam, sem dúvida, sido acusados e processados, e com razão. Mas não houve um único caso de um homem preso pelo 18B, sendo um súdito britânico, que foi processado.

De fato, quatro acusações foram feitas contra uma mulher, esposa de um distinto almirante, a Sra. Nicholson. Ela foi julgada perante um juiz e júri, e absolvida de todas as acusações. Isso, no entanto, não a impediu de ser presa no momento de sua recente absolvição do tribunal, e ser jogada na prisão de Holloway sob o Regulamento 18B, onde permaneceu por anos.

O Regulamento 18B foi originalmente introduzido para se aplicar a certos membros do IRA que estavam cometendo muitos ataques sem sentido em Londres. Sem este regulamento, nenhum súdito de Sua Majestade poderia ser preso e mantido na prisão por suspeita. Essa prática há muito havia sido abandonada neste país, exceto por curtos períodos de conspiração grave comprovada, épocas em que o Habeas Corpus era sempre suspenso.

O 18B reviveu o processo medieval de prisão por suspeita sem a suspensão do Habeas Corpus. Na verdade, era um sistema de Lettres de Cachet pelo qual pessoas da França pré-revolucionária eram enviadas para a Bastilha. Vale ressaltar que todas essas pessoas gozavam de convivência completa com sua família, podiam ter seus próprios criados, louças, lençóis, comida e mantimentos enquanto estivessem na prisão: um tratamento muito diferente daquele dado as pessoas detidas sob o 18B, que era indistinguível da dos criminosos comuns e, de fato, pior do que a de qualquer prisioneiro.

Os excessos do IRA eram tão arrogantes e aparentemente sem sentido, numa época em que havia muito pouca diferença entre

este país e o Estado Livre Irlandês, que comecei a fazer algumas pesquisas. Não fiquei surpreso ao descobrir que os membros do IRA que cometeram esses ultrajes se inscreveram especificamente para isso e que praticamente todos eram militantes comunistas. Eu sei de uma fonte muito boa que o Left Book Club de Dublin estava muito preocupado com esta situação e eles finalmente me deram a lista de 22 desses homens, informando-me que todos eles eram comunistas. Ao receber essa informação, fiz uma reclamação ao Ministro do Interior e me ofereci para fornecer-lhe todas as informações necessárias para que ele cuidasse deste caso. Fui ignorado. No entanto, desses excessos de inspiração comunista veio o regulamento 18B.

Embora o IRA tenha sido usado como desculpa, quase nenhum membro desta organização foi preso por isso, e ainda assim foi usado no devido tempo para prender e manter na prisão por 4 ou 5 anos, sem acusação, centenas de súditos britânicos. Cujo único denominador comum era que eles eram contra o poder judaico sobre este país: e particularmente que nos colocassem nesta guerra para defender seus interesses.

O comunismo é controlado pelos judeus. Se o judaísmo marxista precisava de uma desculpa para garantir que o parlamento aprovasse um regulamento como o 18B, que método mais fácil para fazê-lo sem levantar suspeitas, do que arranjar alguns membros comunistas do IRA para plantar algumas bombas em torno das estações de Londres?

Todos podem ter sua opinião neste país: e como não posso fornecer provas concretas, simplesmente digo, como disse ao Ministro do Interior, que tenho "motivos razoáveis para acreditar" que esta é a verdadeira história por trás do regulamento 18B.

Quando esta cláusula foi apresentada pela primeira vez à Câmara, a redação original afirmava claramente que o Ministro do Interior poderia deter cidadãos britânicos de nascimento e

origem “se ele estivesse convencido de que” tal detenção era necessária. Esta terminologia era muito clara. Nenhum tipo de restrição foi previsto antes da vontade do Ministro do Interior. Foi essencialmente e verdadeiramente um regresso às Lettres de Cachet e à Câmara da Estrela.

A Câmara dos Comuns recusou-se terminantemente a aceitar tal cláusula, ou entregar seus poderes de supervisão e suas responsabilidades como guardiã dos direitos e liberdades do cidadão a qualquer indivíduo, seja ele ministro ou não.

O governo teve que retirar a frase e apresentar um segundo rascunho para aprovação alguns dias depois. Na nova proposta, foi feita uma modificação a pedido expresso da Câmara dos Comuns, tendo em vista a necessidade de nos resguardarmos de uma tirania arbitrária do Executivo.

As palavras “O Ministro do Interior acredita que” foram substituídas por “tem motivos razoáveis para acreditar que”. Nessa ocasião, o porta-voz do governo explicou longamente que a nova frase oferecia a garantia necessária. Os parlamentares acreditavam que tinham imposto a sua vontade e que iam ser os juízes do que seria ou não uma “causa razoável” (como ficou provado nos debates posteriores) e foi assim que a Câmara aprovou esta cláusula.

Dois anos mais tarde, quando o advogado de um preso do 18B argumentou no tribunal nesse sentido, ninguém menos que o próprio procurador-geral argumentou para o governo que as palavras “tem motivos razoáveis para acreditar” significam exatamente o mesmo que “considera isso”. Foi aí que a coisa parou em relação aos tribunais, embora continuasse a ser discutida e comentada em outros lugares.

Eu mesmo fui preso sob este regulamento em 23 de maio de 1940, e jogado na prisão de Brixton, onde permaneci em uma cela até 26 de setembro de 1944, sem que nenhuma acusação fosse feita contra mim, apenas recebendo notificação do

tribunal nesta segunda data dizendo-me que a ordem para minha prisão havia sido “revogada”. Pouco depois da minha prisão, deram-me um pedaço de papel com as “acusações” do motivo da minha prisão.

Respondi-lhes durante um dia inteiro de interrogatório do Comitê Consultivo, perante o qual não pude convocar testemunhas, sem poder saber quem eram meus acusadores ou que tipo de acusações haviam feito, além de não poder ser assistido por um advogado. Esses detalhes, juntamente com minhas respostas detalhadas a cada um deles, foram colocados na Parte Dois da Primeira Declaração e fornecidos aos membros da Câmara dos Comuns e que são encontrados no Apêndice deste livro. Baseavam-se na falsa afirmação de que minha atitude anticomunista não era genuína e sim um disfarce para atividades desleais. O quanto essa calúnia era falsa pode ser facilmente provada pelos meus dez anos de luta anticomunista incessante, fazendo discursos tanto na Câmara dos Comuns quanto fora dela.

QUEM OUSA?

Na manhã seguinte à minha libertação da Prisão de Brixton, dirigi-me à Câmara dos Comuns no horário habitual das 10h15, uma ação que parece ter causado alguma surpresa. Não demorou muito para que os judeus e seus amigos estivessem atrás de mim e do Right Club. Uma série de perguntas provocativas logo apareceu na Ordem: mas como Gálio que, quando os judeus agarraram Sóstenes e o espancaram na frente do juiz, “não se importou com nada disso”, então não apresentei nenhum sinal de interesse.

Os repórteres estavam atrás de mim, fazendo o possível para tirar pelo menos um nome do “Livro Vermelho” dos membros do Right Club.

Os nomes do “Livro Vermelho” dos membros do Right Club foram mantidos em segredo com o único propósito de não serem conhecidos pelos judeus. A única razão para esta privacidade foi o desejo expresso dos próprios membros. Para mim, pessoalmente, manter os nomes em segredo era uma desvantagem: facilitava todo tipo de má interpretação do inimigo: para mim, a publicação dos nomes teria sido de grande ajuda. A única razão para este segredo era o medo bem fundamentado de uma retaliação judaica de natureza séria.

Lembro-me particularmente da conversa com um repórter encarregado de cobrir a Câmara dos Comuns. Ele era um homem impetuoso, particularmente imprudente. Por que ele não podia simplesmente dar-lhe alguns nomes?

“Supondo”, eu disse a ele, “que seu nome estivesse entre os do Livro Vermelho: e supondo que, em desrespeito à minha promessa a você de não revelá-lo, eu o comunique à imprensa: e forneça uma evidência definitiva que você era um membro de uma sociedade que luta contra a dominação judaica sobre a Grã-Bretanha: você acha que iria durar mais de seis meses no jornal?”

“Nem seis minutos”, foi sua resposta

“Exatamente”, eu disse a ele. Agora você sabe porque não posso lhe dar o nome de nenhum membro do Right Club. Você mesmo confirmou seus piores medos.

Muitas centenas de pessoas hoje se encontram nesta situação. Na verdade, centenas é apenas uma expressão, o número deve ser prodigioso. É de se perguntar quantos podem arriscar tudo o que têm e, deixar saber que estão cientes do domínio judaico e preparados para se opor a ele.

Mesmo os magnatas mais ricos e influentes do país não se atrevem a enfrentar a ira do judaísmo organizado, como mostra a história sobre o controle das ações do Daily Mail nas páginas 6 e 7 da minha declaração. (Ver Declaração.)

Este não é apenas o caso na Grã-Bretanha, mas talvez ainda mais notável nos Estados Unidos, como atestam os diários do falecido Sr. James Forrestal.

Os Diários de Forrestal foram publicados pela Viking Press em Nova York, em 1951. Acabei de conhecê-los na época em que este livro esta a ser impresso. Eles foram escritos por um homem de alta integridade, que foi subsecretário da Marinha dos EUA de 1940 e secretário de Defesa de 1947 até sua renúncia e morte suspeita alguns dias depois, em março de 1949.

A revelação mais importante nele data de 27 de dezembro de 1945 (páginas 121 e 122):

Hoje joguei golfe com Joe Kennedy (Joseph P. Kennedy, que foi embaixador de Roosevelt na Grã-Bretanha nos anos anteriores à guerra). Perguntei a ele sobre suas conversas com Roosevelt e Neville Chamberlain a partir de 1938. Ele disse que a posição de Chamberlain em 1938 era que a Inglaterra não tinha nada a ver com o conflito e não podia arriscar ir à guerra contra Hitler. A visão de Kennedy: que Hitler teria lutado contra a Rússia sem qualquer outro conflito com a Inglaterra se não fosse por Bullitt (William C. Bullitt [10], embaixador na França na época) exortando Roosevelt no verão de 1939 a confrontar os alemães em relação à Polônia: nem os franceses nem os britânicos teriam feito da Polônia um casus belli se não fosse pelas constantes punições de Washington. Bullit, disse ele, continuou dizendo a Roosevelt que os alemães não entrariam na guerra enquanto que Kennedy afirmou que entrariam e que conquistariam a Europa. Chamberlain, disse ele, afirmou que os Estados Unidos e os judeus do mundo haviam forçado a Inglaterra a entrar na guerra. [ênfase do autor]

Se as informações do Sr. Forrestal sobre como a guerra foi travada precisassem de alguma confirmação, temos os comentários abertos do Sr. Oswald Pirow, ex-ministro da Defesa sul-africano, que disse à Associated Press em 14 de janeiro de

1952, em Joanesburgo que “Chamberlain lhe disse que estava sob grande pressão da Judiaria Mundial para que não ficasse bem com Hitler”.

Uma segunda revelação muito importante dos Diários de Forrestal diz respeito ao sionismo. É muito evidente que em dezembro de 1947 o Sr. Forrestal estava ficando cada vez mais preocupado com a intervenção sionista na política americana. Ele grava conversas com Byrnes, com o senador Vandenberg, com o governador Dewey e com outros na tentativa de remover a questão palestina do âmbito da política partidária. Até esta data parece que muito esforço já foi feito nesse sentido.

[10] De ascendência judaica. [N. de T: Embaixador Americano em Paris. Isso mesmo, sua mãe era Horwitz]

O Diário registra em 3 de fevereiro de 1948 (páginas 362 e 363):

“Hoje fui visitado por Franklin D. Roosevelt Jr., que veio em forte defesa do Estado Judeu na Palestina, dizendo que devemos apoiar a “decisão” das Nações Unidas. Salientei que as Nações Unidas ainda não haviam tomado nenhuma “decisão”, que era apenas uma recomendação da Assembléia Geral e que, na minha opinião, os métodos que algumas pessoas fora do Poder Executivo do Governo vinham usando para coagir outras nações na Assembleia Geral foram quase escandalosos... Eu disse a ele que estava simplesmente direcionando meus esforços para despolitizar a questão, ou seja, para que ambos os partidos concordassem em não disputar votos nessa questão. Ele disse que isso era impossível, que a nação estava altamente comprometida e que o Partido Democrata estava condenado à derrota se esse acordo fosse alcançado. Disse-lhe que era obrigado a repetir-lhe o que havia dito ao senador McGrath em resposta à sua observação de que, se não concordássemos com os sionistas, perderíamos os estados de Nova York, Pensilvânia e Califórnia: eu pensei que era hora de alguém considerar se não poderíamos perder os Estados Unidos.”

Após uma breve nota do Editor dos Diários, as entradas de 3 de fevereiro de 1948 continuam (página 364):

“Almocei com o Sr. B.M. Baruch. Depois do almoço, fiz-lhe a mesma pergunta. Ele me avisou para não fazer nada sobre essa questão em particular e que eu já havia sido identificado – a ponto de me prejudicar – em oposição à política das Nações Unidas sobre a Palestina.”

Foi nessa época que a imprensa desencadeou uma campanha sem precedentes de difamações e calúnias contra Forrestal. Este fato o afetou tanto que em março de 1949 ele renunciou ao cargo de Secretário de Defesa e no dia 22 desse mesmo mês foi encontrado morto após ter caído de uma janela muito alta.

EPÍLOGO

Sou eternamente grato aos muitos deputados tornaram o meu regresso a esta Assembléia muito mais fácil do que poderia ter sido, com suas atitudes acolhedoras e amigáveis. Receio que, muitos, cujas ações dentro e fora da Câmara foram detectadas posteriormente sofreram represálias no trabalho ou na imprensa em relação a isso.

Quando refletimos sobre esses acontecimentos sangrentos desde o tempo do rei Carlos I, [da Inglaterra] até os dias atuais, podemos finalmente encontrar apenas um único motivo de satisfação, se é que essa palavra pode ser usada. E é que pela primeira vez podemos rastrear as influências ocultas que explicam essas desfigurações hediondas na história europeia.

À luz do que sabemos agora, podemos reconhecer e compreender o verdadeiro significado desses terríveis eventos. Em vez de simples fatos desconexos, podemos agora distinguir o cumprimento fatal de um plano satânico: vendo e entendendo, estamos em condições de realizar ações no futuro que nos

permitam proteger todos aqueles valores que amamos e defendemos, e que esse plano claramente procura destruir.

Podemos finalmente começar a confrontar os operadores e autores deste plano, conhecendo a sua técnica, que até agora permanecia secreta. Em outras palavras, tendo sido avisados, a culpa é nossa se não nos prepararmos.

Não esqueçamos as palavras do judeu Marcus Eli Ravage, que escreveu na revista norte-americana Century Magazine em janeiro de 1928:

"Estamos por trás não apenas da última guerra, mas de todas as suas guerras e não apenas da russa, mas de todas as revoluções notáveis em sua história."

Também não devemos esquecer os do professor Harold Laski, que escreveu o seguinte no New Statesman and Nation em 11 de janeiro de 1942:

"Pois esta guerra é na sua essência apenas uma imensa revolução como a guerra de 1914, a Revolução Russa, e também as contra-revoluções no continente são fases anteriores."

Nem o aviso daquele eminente advogado, editor e repórter judeu americano, Henry Klein, publicado no ano passado:

"Os Protocolos são o plano pelo qual um punhado de judeus, que compõem o Sinédrio, pretende governar o mundo destruindo primeiro a civilização cristã."

"Os Protocolos não são apenas genuínos, na minha opinião, mas foram quase totalmente cumpridos."

Na verdade, eles foram amplamente cumpridos, em grande parte graças ao Sr. Roosevelt e seu "fervoroso tenente", o "arquiteto do futuro judaico".

No processo, no entanto, a Grã-Bretanha e seu Império – e pior, seu bom nome e honra – foram reduzidos a pó.

Como o professor Beard escreveu:

"Os nobres princípios das Quatro Liberdades e da Carta do Atlântico, foram praticamente descartados nos acordos que acompanharam o desenvolvimento e que se seguiram ao desfecho da guerra. A validade desta declaração é testemunhada pelos povos da Estônia, Lituânia, Polônia, Romênia, Iugoslávia, [também Hungria, Bulgária, Ucrânia, Bielorrússia, Albânia, Armênia, Coréia, etc.] China, Indochina, Indonésia, Itália, Alemanha e outros lugares do planeta."

Recentemente, o lamento da Sra. Chiang Kai Shek chamando a Grã-Bretanha de "covarde" (em relação à China) apareceu na imprensa. "A Grã-Bretanha trocou a alma de uma nação por algumas moedas de prata", disse ela. E também: "Um dia essas moedas de prata renderão juros sobre o sangue, suor e lágrimas dos britânicos na batalha pela liberdade". É como se fosse o próprio general Sikorski falando, não é?

No mesmo jornal li que o Sr. Jackson Martindell, presidente do American Institute of Management, declarou que "a palavra de um inglês não é mais seu compromisso". Quantas vezes não ouvi isso em fontes árabes desde 1939? "Odeio dizer isso", continua Martindell, "mas a Grã-Bretanha se tornou moralmente tão pobre quanto economicamente".

Este eco é ouvido da Polônia à Palestina e à China, e é ecoado por todas as pessoas com consciência judaica neste país.

Você não precisa procurar muito para encontrar um motivo. Ninguém pode servir a dois senhores, especialmente quando seus princípios e interesses são tão diametralmente opostos quanto os do Império Britânico e do Império Judeu da URSS.

Desde a queda do governo do Sr. Chamberlain, os interesses do império judaico dominaram prodigiosamente, enquanto os da Grã-Bretanha foram eclipsados.

O mais estranho de tudo é que, se alguém se atreve a dizer a verdade, é acusado de antissemitismo.

Como o Sr. Douglas Reed mostrou claramente, o termo "antissemitismo" é um lixo sem sentido - e como ele sugere, pode ser chamado de "antisemolina".

Os árabes também são semitas e nenhum chamado "antissemita" é anti-árabe.

Nem é correto dizer que é antijudaico. Pelo contrário, sabe-se que boa parte dos judeus está alheia a essa conspiração. O único termo que poderia honestamente ser usado para substituir "antissemita" é "consciente dos judeus".

A palavra "antissemita" é meramente uma palavra de propaganda usada para fazer com que pessoas se sintam intimidadas a não pesquisar e examinar, questões de vital importância. enquanto isso for tolerado, esses males não apenas continuarão, mas piorarão.

Os "judeus" sabem que temos na Grã-Bretanha um Império dentro do Império, que apesar de todos os protestos e camuflagem, é antes de tudo judeu e está em plena colaboração com o judaísmo mundial. Se alguém duvida disso, basta ler Unity in Dispersion, publicado em 1948 pelo Congresso Judaico Mundial, onde proclama que o judaísmo é uma nação.

Nem todos os judeus querem ser jogados nesta estreita tirania social, mas a menos que este país lhes forneça uma rota de fuga, eles não ousarão correr os riscos - riscos muito altos - de desafiá-lo e, portanto, são forçados a cooperar até certo ponto.

Pior ainda, certos gentios, apoiam essa força unida, que por sua vez é usada para influenciar ou controlar nossos partidos políticos, política interna e externa, imprensa e vida pública.

Devemos denunciar e frustrar esse inimigo comum. O primeiro passo para esse objetivo seria impedir o gentio Esaú de colaborar e cumprir as ordens do judeu Jacó.

Outro passo seria desmembrar a frente comum do judaísmo, separando os judeus que não querem seguir os ditames do Congresso Judaico Mundial.

Primeiro, porém, é o dever de informar as pessoas de boa vontade da verdade sobre este assunto, particularmente sobre a verdadeira anatomia, objetivo e métodos do inimigo marxista.

Para isso, humildemente ofereço o conteúdo deste livro a todos aqueles determinados a lutar contra o comunismo.

DECLARAÇÃO

Do Capitão Ramsey da Prisão de Brixton ao Presidente e Membros do Parlamento sobre sua detenção sob o Regulamento de Defesa 18B.

Todos os detalhes alegados como motivos para minha detenção são baseados em acusações de que minha atitude e atividades em oposição ao comunismo, bolchevismo e a política do judaísmo organizado não eram genuínas, mas apenas uma camuflagem para ações antibritânicas.

No memorando a seguir, que poderia ser muito mais longo, forneci uma lista de fatos que provam não apenas que minha atitude foi genuína, aberta e consistente durante todo o meu tempo na Câmara dos Comuns, mas também que no curso de minhas investigações coletei provas conclusivas para justificar minha atitude, bem como a formação do Right Club, uma organização essencialmente patriótica.

Durante todo o meu tempo como representante (desde 1931) tenho mantido um ataque aberto e implacável contra o

bolchevismo e seus aliados. Na verdade, minha postura começou muito antes de eu entrar na Câmara.

As informações a seguir comprovam isso, bem como a formação do Right Club que é o resultado do meu trabalho.

Este trabalho se divide em três fases.
A primeira data de pouco depois da Revolução Russa até 1935, quando presumi que as forças por trás do bolchevismo eram russas: na segunda (1935-38) vi que eram forças internacionais: durante a terceira percebi que eram judeus.

FASE I.

Durante essa fase, sempre foi um mistério para mim por que os russos gastaram tanto dinheiro e tempo em atividades revolucionárias na Grã-Bretanha.

Minha primeira ação foi um discurso na eleição que ficou famosa pela publicação no Daily Mail da carta escrita por Zinoviev, aliás Apfelbaum, pedindo a revolução na Grã-Bretanha. (Falei contra o bolchevismo na divisão de Northwich.)

Ao ser eleito em 1931, entrei para o Comitê de Comércio da Rússia, que acompanhava suas atividades aqui. Também me juntei ao Conselho do Movimento de Protesto Cristão, fundado para protestar contra os abusos bolcheviques contra padres, freiras e igrejas cristãs. Hansard mostra que fiz muitas perguntas nesse período, criticando suas atividades neste país.

FASE II.

Nesse estágio, percebi que as forças por trás do bolchevismo não eram russas, mas internacionais.

Tentei imaginar a composição daquele corpo misterioso, o Komintern, sobre o qual, de acordo com as respostas às minhas perguntas parlamentares, o governo soviético não podia exercer nenhum controle.

No final desta fase, fiz progressos suficientes com esta imagem mental do Komintern e, escrevi várias cartas sobre o assunto, endereçadas a Rotary Clubs e outras sociedades em Londres, Edimburgo e outras cidades, intitulando frequentemente como, Asas Vermelhas Sobre a Europa.

Esta segunda fase durou até a Guerra Civil Espanhola. Reconhecendo imediatamente a responsabilidade do Komintern no assunto, mesmo em relação à Brigada Internacional, eu os atacava continuamente com muitas perguntas na Câmara.

A atitude da imprensa nacional britânica primeiro me surpreendeu e depois me ajudou a perceber os verdadeiros poderes por trás da Revolução Mundial. A imprensa retratou os inimigos do general Franco como reformadores liberais e protestantes, em vez de revolucionários internacionais que eram.

No lado vermelho, todas as prisões estavam sob o controle da Cheka russa. McGovern deixou os fatos muito claros em seu panfleto, Terror Vermelho na Espanha.

Então organizei desfiles com cartazes expondo a culpa bolchevique na Espanha, escrevi em um jornal chamado The Free Press e fiz o máximo de propaganda que pude. Cerca de 80 ou 90 membros do parlamento me apoiaram nesses esforços.

Em setembro de 1937 aceitei a presidência do Comitê da Frente Cristã Unida, em nome de Sir Henry Lunn. Desde então, milhares de cartas com minha assinatura foram enviadas às pessoas mais influentes do Reino, informando-as sobre os acontecimentos na Espanha e exortando-as a se juntarem à luta contra o Terror Vermelho ateu que ameaçava a Espanha naquela época e depois toda a Europa.

Várias sociedades patrióticas começaram a cooperar comigo em minha luta contra o bolchevismo, incluindo a União Nacional dos Cidadãos, Liga do Império Britânico, Liga da Restauração

da Liberdade e a Liga Econômica. Nós nos reuníamos regularmente na Sala do Comitê da Câmara dos Comuns.

Em maio de 1936, quando me opus à entrada de agentes do Komintern no país para participar do chamado Congresso do Ateísmo, fomos apoiados pela União Bíblica Britânica, a Ordem da Criança e a Federação Mundial Britânico-Israelense. A partir das informações que essas sociedades me deram, percebi que o anterior Congresso do Ateísmo, realizado em Praga, conseguiu unificar o controle das sociedades nacionais de pensamento livre sob a autoridade do ateísmo militante na Rússia, tornando-se assim uma arma sutil e potente para a propaganda bolchevique.

Em nossas reuniões para coordenar a oposição, concordamos que, embora qualquer britânico possa ter o direito de organizar uma Conferência sobre qualquer assunto, essa liberdade não deve se tornar uma licença para revolucionários internacionais realizarem seu plano para destruir a vida religiosa, social e pública do nosso país.

Portanto, em 28 de junho, propus uma lei intitulada "LEI DE PROIBIÇÃO DA BLASFÊMIA ESTRANGEIRA", para impedir que estrangeiros compareçam a este congresso ou torná-lo uma ocasião para distribuir sua literatura blasfema.

A lei foi recebida com uma votação de 165 a 134. No No Lobby estavam os Srs. Rothschild, G.R. Strauss, T. Levy, A.M. Lyons, Sir F. Harris, D.N. Pritt, W. Gallacher, Dr. Haden Guest e Dr. Summerskill.

No outono de 1938, percebi que o poder por trás da Revolução Mundial não consistia apenas em um grupo solto de internacionalistas, mas no judaísmo mundial organizado. O primeiro documento que me convenceu disso foi, na verdade, um documento do governo britânico, cuja existência eu não sabia até então. Esta é uma citação direta do relatório recebido pelo Sr. Balfour em 19 de setembro de 1918, escrito pelo Sr.

Oudendyke, o Ministro dos Países Baixos em Petrogrado, que também estava encarregado dos interesses britânicos na época:

"O perigo agora é tão grande que acredito ser meu dever chamar a atenção do governo britânico e de qualquer outro governo para o fato de que, se o bolchevismo não for detido imediatamente, toda a civilização mundial estará ameaçada. Isso não é um exagero, mas um fato. Considero a aniquilação imediata do bolchevismo a questão mais importante que o mundo enfrenta, até mesmo mais do que guerra, que ainda está em andamento. A menos que o bolchevismo seja aniquilado, ele se espalhará pela Europa e pelo mundo inteiro de uma forma ou de outra, pois é patrocinado e organizado pelos judeus, que não têm nacionalidade e cujo único objetivo é destruir a ordem existente para seus próprios interesses. A única maneira de enfrentar esse perigo é com a ação conjunta de todos os Poderes".

Tão importante foi essa citação que este documento foi imediatamente retirado e substituído por uma edição abreviada, na qual essas passagens vitais foram excluídas. Eu vi os dois documentos – o original e o resumido. O segundo documento que me chamou a atenção foi o livreto intitulado The Rulers of Russia, escrito pelo Dr. Denis Fahey, CSSP, e com o imprimatur do Arcebispo de Dublin, datado de 26 de março de 1938. No primeiro parágrafo o Dr. Fahey escreve:

"Neste panfleto apresento aos meus leitores vários documentos sérios que comprovam que as forças motrizes por trás do bolchevismo são judaicas e que o bolchevismo nada mais é do que um instrumento nas mãos dos judeus para estabelecer seu futuro reino messiânico."

Assim, o Dr. Fahey apresenta uma quantidade considerável de evidências a esse respeito. Na página 1 ele cita a seguinte passagem do Sr. Hilaire Belloc, tirada de seu Weekly de 4 de fevereiro de 1937:

“Aqueles que não sabem que o atual movimento revolucionário bolchevique na Rússia é judeu, tudo o que posso dizer é que deve ser um homem que se deixa enganar pela repressão de nossa deplorável imprensa.”

Outras autoridades citadas no panfleto incluem o Dr. Homer, D. Sc, o Conde Leon de Poncins em Contre-Revolution, bem como as evidências apresentadas perante um Comitê do Senado dos EUA pelo Rev. George A. Simons, superintendente da Igreja Metodista Episcopal em Petrogrado de 1907 a 1918.

Naquela ocasião, o reverendo Simons afirmou o seguinte sobre o governo bolchevique em Petrogrado:

“Em dezembro de 1918... sob a presidência de um homem conhecido como Apfelbaum (Zinoviev)... dos 388 membros, apenas 16 eram genuínos russos e o resto (exceto um negro americano) eram judeus... e 265 desses judeus pertencentes ao governo da Comuna do Norte são do Lower East Side de Nova York - 265 deles!”

Na página 8 o Dr. Fahey cita alguns números que mostram que no ano de 1936:

“O Comitê Central do Partido Comunista em Moscou, o próprio núcleo da Internacional Comunista, era composto por 59 membros, dos quais 56 eram judeus e os outros três eram casados com mulheres judias...”

“(((Stalin))), o atual governante da Rússia, não é judeu, mas tem como esposa (sua segunda) a irmã de 21 anos de seu braço direito e provável sucessor, o judeu L.M. Kaganovich. Tudo o que Stalin faz está sob a supervisão absoluta dos olhos judeus.”

Além desses documentos, tenho muitas evidências de atividades subversivas judaicas na Grã-Bretanha na forma de organizações de todos os tipos: anti-religiosas, anti-morais, revolucionárias, bem como aquelas destinadas a estabelecer o monopólio judaico do mercado financeiro e sistema industrial.

Foi assim que me convenci do fato de que as revoluções russa e espanhola, assim como as sociedades subversivas britânicas, faziam parte do mesmo plano secretamente forjado e controlado pelos judeus do mundo, nas linhas precisas do que foi estabelecido nos Protocolos dos Sábios de Sião, que foram publicados no final da última guerra pelo The Morning Post, fato do qual este jornal nunca mais se recuperou. Esses protocolos não são falsificações, e sobre isso eu e outros podemos fornecer evidências que convencerão qualquer tribunal imparcial.

Na reunião das Sociedades Cristãs e Patriotas, senti que era meu dever abordar a questão judaica e logo percebi que era altamente controversa. Com muito poucas exceções, toda a cooperação cessou. Percebi que, se algo fosse feito, teria que ser por meio de um grupo especial que, mantendo as características essenciais do anterior, assumiria a tarefa de expor a ameaça judaica e se opor a ela. Foi então que surgiu a ideia do Right Club, embora a sua formação só tenha surgido alguns meses depois, em maio de 1939.

A partir do outono de 1938, passei muitas horas por semana conversando com parlamentares e membros do governo sobre esses assuntos.

A magnitude desta questão assustou muitos. A seguinte resposta de uma dessas pessoas em particular é um exemplo perfeito dessa atitude:

“Bem, tudo isso é realmente muito preocupante, na verdade é terrível: mas o que se pode fazer contra tudo isso? Vou sair agora e tentar esquecer tudo sobre isso o mais rápido possível.”

No final de 1938, chegou-me a notícia de que as ações do controle do Daily Mail estavam à venda.

A notícia não me surpreendeu, sabendo do boicote publicitário que havia sido posto em prática contra o jornal por causa de dois ou três artigos que, aos olhos dos internacionalistas,

davam uma imagem tendenciosa a favor do general Franco na Guerra Civil Espanhola (em realidade nada mais era do que a verdade).

Eu poderia encontrar um comprador? Resolvi falar com uma certa pessoa muito rica e patriota, chefe de um grande negócio. Um amigo em comum marcou o encontro.

No início, dei-lhe uma visão geral das atividades e do poder do judaísmo e seu controle secreto da publicidade na Grã-Bretanha em particular, como eu o via. Quando terminei, após 70 minutos, ele expressou que concordava comigo no geral. Então, o amigo em comum e eu tentamos convencê-lo a comprar as ações mencionadas acima e "arrancar a mordaça da conspiração do silêncio" (uma expressão). Ele respondeu: "Não me atrevo". "Eles iriam me esmagar. Se fosse só eu, eu não me preocuparia, eu os enfrentaria. Mas muitas das minhas ações pertencem à viúva e ao órfão e por causa deles devo recusar a oferta."

Ao expressar nossa surpresa que o judaísmo pudesse controlar de tal maneira um homem de sua capacidade financeira e poder industrial, uma figura nacional tão conspícua, ele nos deu detalhes de ataques do judaísmo contra ele em anos anteriores. Ele se recusou a cumprir certas exigências que fizeram dele. Após ter ignorado um ultimato, um boicote mundial foi iniciado contra ele, que se tornou efetivo em 24 horas, onde quer que ele tivesse agentes ou escritórios. Incêndios misteriosos e greves repentinas também ocorreram. As perdas resultantes finalmente o obrigaram a ceder. Em 24 horas, o boicote mundial foi suspenso.

As constantes mentiras da imprensa sobre a Guerra Civil Espanhola impressionaram muitos parlamentares. Eles achavam que preconceitos tão extremos, tão universais e consistentes, sempre contra Franco, indicavam a existência de algum plano deliberado e, embora se recusassem a dar crédito à minha tese de que eram os judeus que operavam esse controle e que tudo fazia parte de seu plano para dominar o mundo, no entanto,

muitos sentiram que de alguma forma havia algo muito suspeito em algum lugar.

Por meio dessas conversas, obtive apoio de membros de todos os partidos para a lei que estava preparando sobre o assunto.

Em 13 de dezembro de 1938, propus a lei intitulada ALTERAÇÃO DA LEI DAS SOCIEDADES, que tornava obrigatório que as ações de jornais e agências de notícias fossem em nome de seu titular e não de procurações como é feito agora na maioria dos casos.

A lei foi aceita com uma primeira votação de 151 contra 104. No Aye Lobby estavam membros de todos os partidos, incluindo 13 Exmo. Senhores (8 deles socialistas).

No No Lobby estavam Rothschild, Schuster, Shinwell, Cazalet, Gallacher, Sir A. Sinclair, Gluckstein e o Sr. Samuel Storey, que se opuseram e bloquearam o projeto.

Assim, comecei a formação de um grupo de caráter semelhante aos representantes das sociedades cristã e patriota, com quem trabalhei até o surgimento da questão do judaísmo, mas desta vez um grupo que seria oposição as suas atividades.

Este grupo finalmente inaugurou em maio de 1939 e foi chamado de Right Club. Simultaneamente, formou-se uma comissão com o duplo propósito de coordenar o trabalho de todas as sociedades patrióticas e de ser um órgão de recrutamento para o clube. Esse grupo foi chamado de Comitê Coordenador.

O Sr. Cross era o secretário, e o falecido duque de Wellington, presidente da Liga para a Restauração da Liberdade e, foi presidente na maioria das reuniões que tivemos. O primeiro objetivo do Right Club era esclarecer o partido conservador e livrá-lo do controle judaico.

O judaísmo organizado já estava promovendo uma guerra mundial. O fracasso de sua Brigada Internacional na Espanha, a crescente conscientização de suas atividades entre o povo e o

consequente risco de colapso de todos os seus planos tornaram a guerra essencial do seu ponto de vista.

Em julho de 1939, tive uma entrevista com o primeiro-ministro. Contei a ele sobre a Revolução Russa e o papel que o judaísmo havia desempenhado nela: da Revolução Espanhola, preparada e levada a cabo em termos muito semelhantes pelas mesmas pessoas: das sociedades subversivas na Grã-Bretanha: e da imprensa e controle das notícias. Por fim, mostrei ao primeiro-ministro todo o trabalho oculto que estava sendo feito para conspirar contra ele, bem como contra sua política de paz, com o objetivo de precipitar a guerra. O Sr. Chamberlain me disse que acusações tão sérias exigiam provas documentais substanciais. Eu disse a ele que iria reunir as evidências para que fosse possível tomar medidas sobre isso.

O início da guerra permitiu que os judeus cobrissem suas atividades com a máscara do patriotismo. A imprensa deles retratou todos os que se opuseram a eles como traidores da Grã-Bretanha e pró-nazistas. A dificuldade de minhas ações era que enquanto eu queria alertar o país sobre as consequências de uma política influenciada pelo judaísmo internacional, ao mesmo tempo eu não queria criar dificuldades para o Sr. Chamberlain.

Por isso, decidiu-se encerrar o Right Club por enquanto. O espírito do clube, naturalmente, levou os membros mais jovens a ingressarem no exército, onde serviram com distinção em todas as frentes. Outros, no mesmo espírito, continuaram a luta contra o inimigo interno, não menos formidável que as potências do Eixo e de certa forma muito mais perigoso, por causa de seus métodos secretos e porque podia atacar tanto de dentro quanto de fora.

Para esse fim, tanto eu como outros distribuímos alguns dos meus próprios panfletos chamados Você sabe o quê...? e Você notou que...? Assim como meus versos começando “Terra da Estupidez e Judaísmo” e alguns adesivos antijudaicos. Tudo

isso com a ideia de educar o público o suficiente para manter uma atmosfera em que essa "Guerra de Mentira" fosse convertida em uma paz honrosa.

Certamente eu não era um derrotista, como a propaganda judaica tentou me pintar. Não fomos nós do Right Club que nos abstivemos de travar esta guerra, muito pelo contrário.

Eu estava determinado a convencer o Sr. Chamberlain e talvez o "Comitê de 1922" da verdade sobre mim e comecei a reforçar as provas documentais que já tinha em minhas mãos.

Em janeiro de 1940, eu tinha detalhes específicos de quase trinta sociedades subversivas trabalhando em várias linhas revolucionárias e corrosivas, e completei um quadro muito grande, mostrando os principais membros de cada uma.

Seis nomes se destacaram, como uma espécie de órgão intersociedades: Prof. H. Laski, Sr. Israel Moses Sieff, Prof. Herman Levy, Sr. Victor Gollancz, Sr. D.N. Pritt (Membro do Parlamento) e Sr. G.R. Strauss (Membro do Parlamento).

Em fevereiro de 1940, chegando a Londres, fui informado de um novo grupo que defendia uma União Federal. A lista de adeptos era impressionante. Poderia ter sido copiado da lista que acabei de terminar. Não havia dúvida sobre a origem dessas atividades. Mais tarde, quando o grupo começou a ficar ativo, fiz as seguintes perguntas:

O Capitão Ramsay perguntou ao primeiro-ministro se ele poderia assegurar à Câmara que a criação de uma União Federal dos Estados Europeus não era o verdadeiro objetivo das ambições de guerra do governo de Sua Majestade.

O Sr. Butler (em 9 de maio) deu uma resposta evasiva. Para isso, solicitei o seguinte complemento:

Capitão Ramsay: Meu ilustre amigo está ciente de que esse plano, se adotado, provocará hostilidade contra nós na maior

parte da Europa, que o vê como a formação de um superestado judaico-maçônico? [11]

[11] Os Protocolos dos Sábios de Sião deixam claro que o Judaísmo internacional e a Maçonaria estabelecerão tal regime depois que os Estados Gentios forem enfraquecidos por guerras e revoluções.

Sr. Butler: Prefiro deixar a interpretação deste plano para meu ilustre amigo.

A partir desse momento, uma campanha de imprensa virulenta começou a suprimir visões e atividades "antissemitas", declarando o "antissemitismo" como "pró-nazista". Temendo que o Ministro do Interior pudesse estar inclinado nessa direção, o que era falso, perguntei a ele em 9 de maio de 1940:

Capitão Ramsey: Você pode me garantir que tanto na administração dos regulamentos atuais quanto na revisão daqueles que são elaborados, será feita uma distinção entre antissemitismo e pró-nazismo?

Sir J. Anderson: Espero que todas as medidas restritivas aplicadas à propaganda organizada se limitem na prática à referida propaganda que se destina a dificultar o esforço de guerra e, desse ponto de vista, não posso reconhecer como relevante a distinção que meu honrado e galante amigo deseja estabelecer.

Capitão Ramsay: Embora eu agradeça ao meu ilustre amigo por sua resposta, tendo em vista que ele me parece um pouco confuso sobre este assunto, você pode garantir à Câmara que você se recusa a identificar uma coisa da outra como nossa imprensa judaica faz?

Sir J. Anderson: Eu certamente não serei forçado a nada.

Foi nas últimas semanas do governo do Sr. Chamberlain que pude ver alguns papéis da Embaixada dos Estados Unidos no escritório do Sr. Kent.

Esta era a situação então e foram estas as considerações que me levaram a inspecioná-los.

1. Juntamente com muitos membros da Câmara do Parlamento, eu estava plenamente ciente que tanto as agências daqui, como do exterior, estavam ativamente engajadas em promover o mal-estar entre a Grã-Bretanha e a Alemanha, o Judaísmo Organizado, por razões óbvias, desempenhou um papel de liderança.

2. Eu sabia que os Estados Unidos eram a sede do judaísmo e, portanto, o verdadeiro centro de sua atividade, embora não parecesse.

3. Eu estava ciente de que a União Federal era o complemento em assuntos internacionais do esquema de Planejamento Político e Econômico (PEP). O presidente do PEP. é o Sr. Israel Moses Sieff, que também era vice-presidente da Federação Sionista e Grande Comandante da Ordem dos Macabeus, destinada a promover o bolchevismo na esfera industrial e comercial, e que deve ser considerado como o superestado que é um dos principais objetivos do judaísmo internacional.

4. Eu sabia que os planos para estabelecer um socialismo marxista sob controle judaico estavam bem avançados em nosso país. De suas intenções não havia dúvida.

5. Eu sabia que a tática do judaísmo internacional é sempre planejar revoluções em momentos críticos contra qualquer líder nacional que se oponha a alguma parte importante de seus desígnios, como o Sr. Chamberlain havia feito, por exemplo, aderindo à política do pacifismo e nesse caso, a queda do Sr. Chamberlain significaria guerra total.

6. Lembrei-me de que o Sr. Lloyd George havia dito na Câmara dos Comuns que se fôssemos arrastados para uma guerra pela Polônia sem a ajuda da Rússia, estaríamos caindo em uma armadilha. E caímos nessa armadilha.

Mais informações sobre sua origem, planos e objetivos teriam fortalecido o Sr. Chamberlain e lhe permitido tomar as medidas cautelares necessárias.

Como um membro do Parlamento ainda leal ao Sr. Chamberlain, senti que era meu dever investigar.

Por volta de 9 ou 10 de maio fui para a Escócia para descansar quinze dias, tendo visto apenas uma parte dos documentos, e pretendendo retomar minhas investigações no meu retorno.

Antes que eu pudesse terminar, no entanto, o Sr. Chamberlain foi retirado do cargo e eu fui preso no dia que voltei a Londres, em 23 de maio de 1940.

Aguardo as particularidades que são alegadas como razões para minha prisão, para poder comentá-las.

(Assinado) ARCHIBALD RAMSAY

Prisão de Brixton, 23 de agosto de 1943.

MOTIVOS ALEGADOS PARA A MINHA PRISÃO

Abaixo apresento uma cópia dos motivos alegados para me manter detido durante os últimos três anos.

Eles me acusam de que toda a minha oposição ao comunismo, bolchevismo e judaísmo internacional é apenas para mascarar minhas atividades antibritânicas em relação à guerra.

Qualquer um que esteja ciente do que se passa na Câmara dos Comuns estará bem ciente das atividades antibolcheviques que tenho mantido aberta e constantemente desde 1931, que se tornou antijudaica em 1938, quando percebi que o bolchevismo era parte integrante do plano mundial judaico.

O autor dessas acusações põe de lado esses oito anos de história e passa a fabricar e reiterar um propósito desleal, para o qual não oferece nenhum pingo de comprovação.

MOTIVOS DA DECISÃO CONFORME O REGULAMENTO 18B NO CASO DO CAPITÃO ARCHIBALD MAULE RAMSAY, M.P.

A ordem foi dada sob o regulamento de defesa 18B contra o Capitão Archibald Maule Ramsay, M.P. porque o Secretário de Estado tinha motivos razoáveis para acreditar que o referido Capitão estava recentemente envolvido em atos lesivos à segurança pública ou defesa do Reino, ou na preparação ou instigação de tais atos, por isso se considera necessário exercer controle sobre ele.

INFORMAÇÕES

O referido Capitão Archibald Maule RAMSAY, MP

(I) Por volta de maio de 1939, ele formou uma organização chamada "Right Club", que ostensivamente dirigia suas atividades contra judeus, maçons e comunistas. Essa organização, de fato, foi secretamente projetada para espalhar visões subversivas e derrotistas entre o povo da Grã-Bretanha, para dificultar o esforço de guerra da Grã-Bretanha e, assim, pôr em perigo a segurança pública e a defesa do Reino.

(II) Além dos verdadeiros objetivos da organização, o mencionado Ramsay manteve em segredo os nomes dos membros, tomou grandes precauções para que o registro dos membros nunca saísse de seu controle e declarou que havia tomado medidas para enganar a polícia e o Serviço de Inteligência do Gabinete de Guerra, quanto às verdadeiras atividades da organização. Essas ações visavam manter ocultos os verdadeiros objetivos da organização.

(III) Ele frequentemente expressou sua simpatia pelas políticas e objetivos do governo alemão e chegou ao ponto de expressar seu desejo de cooperar com o governo alemão na conquista e subsequente domínio da Grã-Bretanha.

(IV) Após a formação da organização, ele se esforçou para introduzir membros da organização no Ministério das Relações Exteriores, na Censura, no Ramo de Inteligência do Ministério da Guerra e nos departamentos do Governo, a fim de promover os objetos reais da organização conforme mencionados no (I).

(V) Depois que a guerra começou, ele associou e usou pessoas para agir contra os interesses da Grã-Bretanha. Entre essas pessoas estão Anna Wolkoff e Tyler Kent, um funcionário da Embaixada dos Estados Unidos da América. Conhecendo as atividades que Wolkoff e Kent realizavam, ele continuou a se associar a eles para usar suas atividades em benefício próprio e do "Right Club". Em particular, sabendo que Kent havia roubado documentos importantes pertencentes à Embaixada dos Estados Unidos da América, ele visitou o apartamento de Kent na 47 Gloucester Place, onde estava guardada a maioria dos documentos mencionados, e os inspecionou lá para seus próprios propósitos. Posteriormente, ele confiou ao mencionado Kent o registro secreto dos membros do "Right Club", uma organização da qual Kent se tornou um membro muito importante, com o objetivo de manter em segredo a natureza da organização.

(VI) Ele autorizou e permitiu que sua esposa agisse em seu nome associando-se e usando pessoas conhecidas por ele para se opor aos interesses da Grã-Bretanha. Entre essas pessoas estavam Anna Wolkoff, Tyler Kent e a Sra. Christabel Nicholson.

MINHA RESPOSTA A CADA UMA DAS ACUSAÇÕES

(I) A formação do Right Club, como mostra o memorando anexo, foi a consequência lógica de muitos anos de trabalho contra o

bolchevismo, realizado tanto dentro como fora da Câmara dos Comuns e bem conhecido de todos os meus colegas políticos desde 1931.

O objetivo principal do Right Club era expor e se opor às atividades do judaísmo internacional à luz das evidências que chegaram às minhas mãos em 1938, algumas das quais são fornecidas no memorando.

Nosso principal objetivo era libertar o Partido Conservador da influência judaica e o caráter de nossos membros e reuniões estavam estritamente de acordo com esse objetivo. Não havia outros propósitos secretos.

Nossa esperança era evitar a guerra, que sentíamos ter sido causada principalmente por intrigas judaicas centradas em Nova York. Mais tarde, eu e muitos outros esperávamos transformar a "Guerra de Mentira" não em uma guerra total, mas em uma paz honrosa e negociada.

É difícil imaginar um grupo de pessoas menos capazes de ser "subversivas" como esse indivíduo sugere, e somar essa acusação com a acusação de ser "derrotista" faz com que todas essas acusações beirem ao ridículo.

(II) Como os verdadeiros objetivos do Right Club são os já declarados e como não há outros objetivos, a última parte dessa acusação é pura ficção.

Havia apenas um aspecto em que nossos objetivos diferiam dos da Polícia e do Departamento de Inteligência, e esse era a questão judaica.

Nem a Polícia nem o Departamento de Inteligência reconheceram a ameaça judaica. Nenhum deles tinha qualquer mecanismo para pará-la ou para reter informações dos membros judeus de sua equipe.

Se os nomes dos membros do clube tivessem sido disponibilizados a qualquer um desses departamentos, eles

teriam caído nas mãos de seus membros judeus e imediatamente teriam sido relatados para àqueles a quem os membros queriam mantê-los em segredo.

(III) A última parte dessa acusação é pura ficção, tão ultrajante que vou tratá-la com a seriedade que merece.

Lord Marley criou toda essa ficção na Câmara dos Lordes no dia seguinte à minha prisão, insinuando que eu tinha me candidatado a ser Gauleiter [12] da Escócia.

Meus advogados o desafiaram a repetir essa declaração fora da Câmara. Desnecessário dizer que ele não fez isso, pois não há um pingo de justificativa para essa acusação ou suas calúnias.

O termo "simpatia pelas políticas e objetivos do governo alemão" é enganoso a ponto de ser desonesto. Isso sugere que houve algum tipo de acordo. Nada disso existia.

Nunca estive na Alemanha e, além de um almoço formal na Embaixada, não conhecia nenhum alemão. O pouco que aprendi sobre o sistema nazista não foi do meu agrado.

Nunca aprovei a ideia de formar movimentos afins na Grã-Bretanha, muito pelo contrário.

Minha opinião era que o Partido Unionista, uma vez informado, era a instituição mais bem posicionada para estabelecer as contramedidas necessárias ao plano judaico e que para isso nem era preciso recorrer a poderes alheios à nossa Constituição.

Em geral, minhas opiniões sobre as aspirações alemãs coincidiam exatamente com as expressas por Lord Lothian em seu discurso na Chatham House em 29 de junho de 1937, quando disse:

"Se o princípio da autodeterminação fosse aplicado em nome da Alemanha da maneira como foi aplicado contra ela, significaria que a Áustria se tornaria novamente parte da Alemanha, assim

como os Sudetos, Danzig e possivelmente Memel se unindo à Alemanha, bem como certos ajustes com a Polônia na Silésia e no Corredor."

O único aspecto da política nazista que coincidia com meus pontos de vista era sua oposição às atividades disruptivas do judaísmo mundial organizado. Nenhum patriota, seja britânico, francês, alemão ou de qualquer outra nacionalidade, pode abandonar a defesa de seu país contra esse flagelo, uma vez que descobriu sua existência.

Confundir simpatia por este único ponto com simpatia pela política nazista como um todo é desonesto. Levar essa falácia ao ponto de me acusar de preferir o sistema deles ao nosso e estar preparado para impor esse sistema (que eu desaprovo) ao meu país pela força é a maior infâmia.

[12] Governante regional do Terceiro Reich.

(IV) Mais uma vez temos aqui a acusação absolutamente injustificada de ter propósitos secretos e desleais, assunto que já tratamos na primeira resposta e no meu memorando.

Sobre a questão dos membros do Right Club em repartições públicas, direi o seguinte:

Sendo os objetivos do clube de espalhar a verdade sobre o perigo judaico o mais rápido possível, o tempo sempre foi essencial. Desde o início estamos em uma corrida contra os propagandistas judeus.

Enfrentá-los no maior número possível de esferas era obviamente o melhor método. Dez membros em dez esferas diferentes espalhariam nossas informações melhor e mais rápido do que dez membros no mesmo escritório ou clube.

Todos os grupos políticos seguem esta orientação. O método é prática comum em todos os partidos políticos.

Em nenhum momento fiz qualquer esforço para colocar qualquer membro em qualquer Escritório do Governo.

Se um membro tinha duas oportunidades de trabalho, estava indeciso sobre qual aceitar e me perguntava, eu respondia que, no que dizia respeito ao clube, era do nosso interesse que ele fosse para o Escritório onde não tínhamos representantes.

Alcançar o Ministério das Relações Exteriores, da Guerra e etc., significava, é claro, conseguir esclarecer rapidamente as pessoas influentes.

(V) Em nenhum momento da minha vida me associei a pessoas que sabia que estavam trabalhando contra os interesses da Grã-Bretanha. Pelo contrário, todo o meu histórico prova que gastei mais tempo e esforço do que qualquer outra pessoa lutando contra essas pessoas.

Eu certamente não sabia - e ainda não sei - que tanto o Sr. Kent quanto a Srta. Wolkoff estavam envolvidos em atividades para prejudicar os interesses da Grã-Bretanha.

Pela minha própria experiência com ambos e pelas conversas que tivemos, sei que ambos reconhecem nas atividades do judaísmo internacional a força mais perversa da política e uma das mais perigosas para os interesses da Grã-Bretanha em particular.

Todas as suas ações visavam contrariar esses poderes e seus desígnios e não prejudicar os interesses da Grã-Bretanha.

No que me diz respeito, gostaria de acrescentar enfaticamente, tendo em vista as calúnias que chegaram aos meus ouvidos, que eu nunca contemplaria a possibilidade de comunicar informações aos inimigos.

Tendo motivos suficientes para acreditar que as intrigas pró-guerra do judaísmo internacional estavam sendo executadas a partir de Nova York, e sabendo que tais atividades tinham a intenção de sabotar a política de paz do Sr. Chamberlain e levar

ao seu impeachment, era meu dever como membro do Parlamento ainda leal ao Sr. Chamberlain investigar tudo o que pudesse.

Deixei a lista de nomes do Right Club no apartamento do Sr. Kent apenas durante minha ausência de Londres, porque eu sabia de várias pessoas cujos papéis (sobre esse mesmo assunto) foram saqueados durante sua ausência.

Como eu disse antes, eu tinha dado uma garantia absoluta de que todos os nomes permaneceriam em segredo. Se esses nomes tivessem chegado às mãos da Polícia Secreta Britânica, sua atitude contra a ameaça judaica teria sido conhecida justamente nos escritórios onde eles estavam interessados em passar despercebidos.

O roubo de documentos não é novidade neste país, especialmente quando se suspeita de possuir informações sobre as atividades do judaísmo internacional.

A casa de Lord Craigmyle foi revistada. Abriam cada gaveta e vasculhavam cada papel, sem roubar nada, num momento em que era razoável pensar que ele poderia ter informações sobre esses assuntos entre seus papéis.

O tenente-chefe da Polícia de Edimburgo declarou que era "espionagem política" e os autores nunca foram localizados.

(Veja a carta de Lord Craigmyle, datada de 6 de julho de 1920, intitulada "Edinburgh and Freedom", publicada em Letters to Isabel.)

(VI) Não há verdade neste assunto e pretendo tratá-lo com a seriedade que merece.

É desnecessário dizer que o Comitê Consultivo do Ministério do Interior não apresentou nenhuma evidência para apoiar nenhuma das calúnias contidas em nenhuma das acusações acima.

CONCLUSÃO

Apresento esta declaração e os comentários sobre as acusações, não para meu próprio benefício, mas para esclarecer o país.

A ponto de a casa de um Lorde, cujos papéis são suspeitos de conter informações sobre os planos do judaísmo internacional, é invadida por "arrombamento político".

A ponto de o Livro Branco contendo passagens vitais sobre o Bolchevismo Judaico Internacional foi imediatamente retirado e reimpresso omitindo as passagens vitais.

A ponto de um industrial britânico ser chantageado pelo judaísmo internacional e forçado à submissão através de boicotes, greves e atos de sabotagem.

A ponto de um membro do Parlamento que se atreve a alertar o país sobre a ameaça do judaísmo internacional e seus comparsas (a única quinta coluna verdadeira neste país) ser imediatamente preso por três anos sob acusações forjadas.

Quando essas coisas acontecem na Grã-Bretanha, é certo que algo está errado.

No momento em que a Grã-Bretanha está envolvida em uma luta de vida ou morte, não há lugar para essas atividades e mentiras a que me referi.

Enquanto nossos marinheiros, soldados e pilotos estão derrotando nossos inimigos externos, é dever de todo patriota lutar contra o inimigo interno.

O primeiro-ministro, em seu discurso na Mansion House, afirmou que não se tornou o primeiro-ministro do Rei para presidir a liquidação do Império Britânico.

Há muitas maneiras de aniquilar o Império Britânico e o líder que estiver preparado para lutar contra todas elas deve ter o

apoio de todos os patriotas, mas acho que ficará claro que o pior obstáculo para isso está justamente naqueles poderes que eu e outros membros do Right Club temos denunciado e combatido.

APÊNDICE 1:

OS ESTATUTOS DO JUDAÍSMO 1275.

Proibição da usura judaica.

Porque o Rei viu grandes males e a falência de homens bons nesta terra por causa da usura que os judeus usaram no passado e que muitos pecados ocorreram, embora ele e seus ancestrais tenham recebido muitos benefícios dos judeus no passado, no entanto, para a glória de Deus e do bem comum de seu povo, o Rei ordenou e estabeleceu que de agora em diante nenhum judeu pode emprestar nada com usura, seja terra, aluguel ou qualquer outra coisa.

Sofrimento para os judeus.

E que os pagamentos das dívidas aos judeus de agora em diante não sejam tão severos, mas que as terras e o gado dos cristãos permaneçam em suas mãos: e que nenhum herdeiro de quem deve a judeus seja obrigado a pagar ao judeu nem a qualquer outra pessoa que tenha em sua posse a terra que originalmente pertencia ao devedor.

Valorizando terras tomadas por dívidas a judeus.

E que o xerife ou qualquer outra autoridade que, em nome do Rei, conceda a posse de gado aos judeus em pagamento de dívidas deve recorrer à avaliação destes apenas por homens sob juramento, para que os judeus ou seus procuradores recebam o montante da dívida. E se o gado não for suficiente, então deve ser pago com terra sob o mesmo juramento na devida proporção, de tal forma que fique muito claro que a

dívida está definitivamente saldada e que o cristão pode voltar a possuir o que resta da terra, reservando sempre para o cristão o melhor da sua terra e do seu gado, assim como a casa principal.

Garantia aos judeus.

E que se algum objeto a partir de agora for encontrado na posse de um judeu e qualquer homem o processar, o judeu receberá toda a garantia que ele possa ter: e se não, que ele responda de tal maneira que não resulte em um privilégio maior do que um cristão.

Morada dos judeus.

E que todos os judeus possam se estabelecer nas cidades e bairros do Rei onde são permitidos.

O distintivo deles.

E que todo judeu com mais de sete anos de idade deve usar um distintivo composto de duas peças unidas por uma fita amarela de seis polegadas de comprimento e três de largura.

O imposto deles.

E que todos os maiores de doze anos devem pagar três pence por ano na Páscoa como um imposto ao Rei, de quem são súditos, e isso valerá tanto para a mulher como para o homem.

Propriedade da terra, etc de judeus

E que nenhum judeu de agora em diante se apoderará de qualquer casa, aluguel ou propriedade de outro, seja judeu ou cristão, ou aliená-la de qualquer forma, ou cobrar qualquer dívida de qualquer cristão, sem uma licença especial do Rei, até que o Rei tenha ordenado de outra forma.

Privilégios dos judeus.

E como a Santa Igreja deseja que suas vidas sejam preservadas, o Rei os toma sob sua proteção e lhes garante sua paz: e deseja que sejam preservados em segurança e defendidos por seus oficiais de justiça e outras autoridades e ordena que ninguém lhes faça nenhum mal, nem em suas propriedades, móveis ou imóveis, e que não devem ser levados a nenhum tribunal que não seja o tribunal do Rei a quem estão sujeitos, e que não devem obediência ou serviço ou aluguel a ninguém, exceto ao Rei e as autoridades que atuam em seu nome, exceto os rendimentos que devem até agora e os direitos da Santa Igreja.

Relações entre judeus e cristãos.

E o Rei garante-lhes que podem ganhar a vida honestamente através do seu comércio ou do seu trabalho, e que podem associar-se com os cristãos para realizar comércio honesto, comprando e vendendo. Mas que nenhum cristão por esta causa ou qualquer outra deva habitar entre eles. E o Rei deseja que nenhum deles por causa desse comércio seja sobrecarregado com quaisquer impostos nas cidades onde se estabelecerem, porque eles só devem impostos ao Rei, de quem são súditos, e a ninguém menos que o Rei.

Propriedades de casas, fazendas etc.

Mais ainda, o Rei garante-lhes que podem comprar casas e castelos nas cidades onde vivem, para que possam tê-los em nome do Rei, salvo as taxas habituais dos senhores. E que eles podem comprar fazendas e terras por dez anos sem dever obediência a cristãos e sem ter que pagar dotes a nenhuma igreja e que eles podem ganhar a vida se não tiverem como negociar ou não puderem trabalhar e que essa licença para comprar terras valerá por quinze anos a partir de agora.

[Nota do autor: O Parlamento que aprovou este estatuto incluía representantes dos Comuns e este foi provavelmente o primeiro

estatuto em que os Comuns estiveram ativamente envolvidos. É significativo que a primeira evidência dos sentimentos e desejos dos Comuns tenha sido expressa na forma dos Estatutos dos Judeus, ao contrário do fato, claramente evidente por escrito, de que o Rei devia muito à atividade judaica, tendo recolhido impostos regularmente e tendo-lhes permitido, na época, estabelecer-se e manter-se como povo.]

APÊNDICE 2:

OS JUDEUS NA GRÃ-BRETANHA

1215 Carta Magna.

1255 Assassinato ritual de São Hugo de Lincoln. Henrique III [da Inglaterra] ordenou pessoalmente o julgamento em que 18 pessoas foram executadas – todos judeus.

1275 É aprovado o Estatuto Judaico, que confina os judeus a certas áreas, proíbe a usura e limita a propriedade da terra e o contato com o povo, obrigando-os a usar um distintivo amarelo.

1290 Eduardo I expulsa os judeus da Inglaterra

1657 Oliver Cromwell, que foi financiado por Menasseh ben Israel e Moses Carvajal, permite que os judeus retornem à Inglaterra, embora a ordem de expulsão nunca tenha sido oficialmente revogada pelo Parlamento.

1689 Os judeus de Amsterdã financiam a rebelião contra o Rei Jaime II. Seu líder –Solomon de Medina– chega à Inglaterra atrás de Guilherme de Orange.

1694 O "Banco da Inglaterra" é fundado e a dívida interna é instituída, assegurando aos credores judeus de ganhar juros sobre seus empréstimos à custa dos impostos ingleses.

1694 O direito de imprimir dinheiro é transferido da Coroa para este "Banco da Inglaterra".

1707 A Escócia é forçada a aceitar a união política e econômica com a Inglaterra, contra a vontade de cada um de seus condados e distritos: é forçada a assumir a responsabilidade pela dívida interna e a Casa da Moeda Real em Edimburgo é abolida.

APÊNDICE 3:

A OPINIÃO DE PERSONALIDADES SOBRE OS JUDEUS

Sêneca, (4 A.C.): "Os costumes deste povo são tão fortes que se espalharam por toda a terra".

São Justino (116 D.C.): "Os judeus estão por trás de todas as perseguições contra os cristãos. Eles vagam pelo país espalhando ódio e minando a fé cristã."

Maomé, (570): "É incompreensível para mim como é que essas bestas mortais não foram expulsas por tanto tempo... esses judeus são outra coisa senão devoradores de homens?"

Martinho Lutero (1483): "Oh, como eles amam o livro de Ester, que se harmoniza tão bem com suas aspirações e esperanças sanguinárias, vingativas e assassinas. O sol nunca brilhou sobre um povo tão sanguinário e vingativo, que nutre a idéia de assassinar e estrangular os outros. Nenhum outro homem é tão avarento quanto eles foram e continuarão a ser, como podemos ver por sua usura. Eles se consolam com a ideia de que, quando seu messias vier, ele recolherá todo o ouro e prata da terra e os dividirá entre eles".

Papa Clemente VIII (1536): "O mundo inteiro sofre com a usura dos judeus, seus monopólios e enganos. Eles arrastaram muitos povos desafortunados para a pobreza, especialmente agricultores e pessoas da classe trabalhadora, os mais pobres."

Voltaire (1694): "Os judeus não passam de um povo ignorante e bárbaro, que por muito tempo combinaram a avareza mais

repugnante com a superstição mais abominável e o ódio inextinguível contra todos os povos entre os quais são tolerados e à custa dos quais se enriqueceram.”

Napoleão: “Decidi ajudar os judeus: mas não quero mais nenhum deles no meu reino. Na verdade, eu fiz um grande esforço para mostrar meu desprezo pela nação mais vil do mundo.”

Benjamin Franklin (1706)

Declaração na Convenção sobre Imigração Judaica:

“Há um grande perigo para os Estados Unidos da América: trata-se do judeu. Senhores, em todos os lugares onde os judeus se estabeleceram, eles baixaram o nível de honestidade no comércio. Permaneceram separados e não assimilados – criaram um Estado dentro do Estado e quiseram estrangular financeiramente a nação, como no caso de Espanha e Portugal. Por mais de 1700 anos eles lamentaram seu destino – isto é, de terem sido expulsos de sua terra natal. Mas, senhores, se o mundo civilizado de hoje lhes devolvesse a Palestina, encontrariam imediatamente razões para não voltar. Sabe por quê? Simplesmente porque eles são vampiros – eles não podem viver entre si, eles precisam viver entre cristãos e outros que não são de sua raça.”

“Se eles não forem excluídos dos Estados Unidos pela Constituição, em menos de 100 anos eles virão para este país, nos governarão e nos destruirão. Eles mudarão nossa forma de governo pela qual nós, americanos, derramamos nosso sangue e sacrificamos nossas vidas, propriedades e liberdade pessoal. Se os judeus não forem excluídos, em 200 anos nossos filhos trabalharão nos campos para alimentar eles.”

“Eu os advirto cavalheiros, se vocês não excluirem os judeus para sempre, vocês serão amaldiçoados em seus túmulos pelos filhos de seus filhos. Suas ideias não são as dos americanos, embora vivam entre nós por dez gerações. O leopardo não pode

remover suas manchas. Os judeus são um perigo para esta terra e, se forem autorizados a entrar, colocarão em risco nossas instituições – eles devem ser excluídos pela Constituição."

APÊNDICE 4:

Cópia do folheto elaborado pelo Capitão Ramsay após o Acordo de Munique:

Você sabia que...

Uma efígie do Sr. Chamberlain foi queimada em Moscou

assim que se soube que ele havia alcançado a paz, o que mostra QUEM QUERIA A GUERRA e quem ainda trabalha incansavelmente para provocar conflitos em todo o mundo?

Emitido pelo MILITANT CHRISTIAN PATRIOTS, 93 Chancery Lane, W.C1 (Holborn 2137), e impresso por W. Whitehead, 22 Lisle st, W.C2

APÊNDICE 5:

A MORDAÇA OFICIAL

Reimpresso da Free Britain, junho de 1954

Lord Jowitt, seja por um desejo tardio de fazer justiça ao Capitão Ramsay ou por ter o cuidado de não repetir as invenções do passado, admitiu em suas memórias dos julgamentos da guerra, publicadas no London Evening Standard em 13 de maio, que os que os réus do caso Tyler Kent agiram de boa fé.

Lord Jowitt, ao publicar essas memórias, foi forçado a admitir algo que nem o Capitão Ramsay nem Anna Wolkoff podem declarar em sua própria defesa: os documentos a respeito deles foram declarados um Segredo Oficial que eles não podem divulgar.

No entanto, outros estão agora livres para declarar o que sempre souberam: que o Capitão Ramsay nunca esteve envolvido em comunicações com os alemães, mas estava tentando comunicar certas informações ao então primeiro-ministro Chamberlain, que estava esperando e que, por causa da prisão do Capitão Ramsay, nunca chegaram até ele.

Algumas dessas informações devem ter chegado ao Sr. Chamberlain mais tarde através de outras fontes, pois foi revelado nos Diários de Forestall que o Sr. Chamberlain estava convencido e de fato disse ao Sr. Forestall que os poderosos círculos judaicos de Nova York eram os únicos responsáveis por atrair a Grã-Bretanha para a guerra, coisa que ele não suspeitava enquanto primeiro-ministro e deveria ter sido informado.

A barreira que foi erguida entre o Sr. Chamberlain e o Capitão Ramsay foi a prisão deste último e o abuso da Lei de Segredos Oficiais, seguido pela divulgação de todo o tipo de invenção partindo do Ministério do Interior como por exemplo que, "O Capitão Archibald Maule Ramsay... expressou seu desejo de cooperar com o governo alemão na conquista e subsequente domínio da Grã-Bretanha." Lord Marley mais tarde acrescentou a esta invenção dizendo na Câmara dos Lordes que ele sabia por meio de certas fontes que o Capitão Ramsay havia concordado em se tornar Gauleiter da Escócia sob a ocupação alemã da Grã-Bretanha. Lord Marley ignorou o desafio dos advogados do Capitão Ramsay de repetir essas acusações fora da Câmara.

Durante catorze anos o Lord Jowitt deve ter estado bem ciente de que o Capitão Ramsay estava a conduzir uma investigação a fim de satisfazer o Sr. Chamberlain de que havia provas documentais dos fatos já revelados pelo Capitão Ramsay, e que a prisão do Capitão Ramsay foi feita para impedir que essas provas documentais fossem apresentadas ao Primeiro-Ministro. Mas levou todos esses anos para o Lord Jowitt admitir que o

Capitão Ramsay é um homem honesto e que “nunca teria aprovado qualquer ato que ele reconhecesse como sendo contrário aos interesses de seu país”.



TRADUZIDO POR: BIBLIOTECA NACIONALISTA E REVISIONISTA - REVELANDO O OCULTO

JUNTOS SOMOS MAIS FORTES!!!